



# IGREJA

Lugar de  
Judeus e Gentios

BENJAMIN BERGER  
E OUTROS

**IMPACTO**  
PUBLICAÇÕES

# IMPACTO

PUBLICAÇÕES

Rua Tamoio, 226  
Santa Catarina  
Americana - SP  
13466-250

Tel.: (19) 3462-9893  
contato@revistaimpacto.com.br

**www.revistaimpacto.com.br**

*Transcrição e compilação  
dos textos:*

Maurício Bronzatto

*Capa e Diagramação:*

Eduardo C. de Oliveira

## IGREJA

*Lugar de Judeus e Gentios*

•

Copyright © 2016 Impacto Publicações

*Publicado no Brasil por:*

IMPACTO PUBLICAÇÕES

www.revistaimpacto.com.br

GRUPO NEWS

www.gruponews.com.br

IRMANDADE EVANGÉLICA DE  
MARIA

www.canaan.org.br

•

*Primeira Edição: 2016*

•

PEQUENOS TRECHOS DESTA TEXTO  
PODEM SER CITADOS OU REPRODUZIDOS,  
DESDE QUE MENCIONADA A FONTE, COM  
ENDEREÇO POSTAL E ELETRÔNICO.

## Sumário

Prefácio .....	5
<i>Capítulo 1</i>	
Um encontro sobrenatural com o Messias .....	9
<i>Capítulo 2</i>	
O movimento messiânico em Israel .....	19
<i>Capítulo 3</i>	
O tempo da restauração de todas as coisas .....	35
<i>Capítulo 4</i>	
Um quadro profético da transfiguração de Jesus .....	49
<i>Capítulo 5</i>	
A preparação para a vinda de Jesus no livro do Apocalipse .....	61
<i>Capítulo 6</i>	
Perguntas e respostas .....	79
<i>Capítulo 7</i>	
A coisa nova novamente irrigando a terra .....	85
<i>Capítulo 8</i>	
A irrevogável aliança entre Deus e Israel .....	99
<i>Capítulo 9</i>	
O dom de arrependimento e a restauração da Igreja .....	115



## PREFÁCIO

A unidade da Igreja não é uma opção, entre outras, a que se deve aderir contanto que as circunstâncias o permitam. Antes, é uma exigência escatológica como pré-requisito à volta de Cristo, condição derradeira e indispensável de maturidade relacional dos cristãos que levará à consumação do propósito eterno de Deus.

A unidade da Igreja não será efetiva nem completa sem que dela façam parte os cristãos gentios, que estão militando dentro ou fora das incontáveis denominações espalhadas pelo planeta, e os judeus messiânicos, tanto os que vivem em Israel quanto os que se encontram em outras nações da terra. A participação dos judeus messiânicos deve se dar com base no mesmo princípio que fundamentou a inclusão dos gentios: assim como não se exigiu que os gentios se judaizassem para pertencerem à Igreja, os judeus devem ser aceitos sem que precisem renunciar às suas tradições e práticas culturais.

O século 20 – chamado por muitos de “o século do Espírito Santo” – foi marcado pela restauração do entendimento do

batismo no Espírito Santo e, conseqüentemente, pela ênfase na necessidade de passar por essa experiência pessoal. Fica a expectativa de que o século 21 nos traga mais luz e compreensão sobre a interação entre judeus e gentios para a formação do Corpo do Senhor, tendo sempre em vista a iminência do cumprimento do capítulo 11 da Epístola aos Romanos, em que Paulo nos apresenta um quadro profético da reunião de judeus e gentios na única oliveira.

Numa espera ativa até que a tão aguardada unidade se torne realidade, representantes de um grupo de irmãos em comunhão presentes em diversas localidades no Brasil ([www.gruponews.com.br](http://www.gruponews.com.br)) juntaram forças com o Ministério Impacto ([www.revistaimpacto.com.br](http://www.revistaimpacto.com.br)) e com a Irmandade Evangélica de Maria ([www.canaan.org.br](http://www.canaan.org.br)) para acolher o irmão judeu messiânico Benjamin Berger, em sua primeira visita ao Brasil, durante a qual ministrou a diferentes segmentos da Igreja nos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

Reproduzimos aqui o conteúdo proferido na conferência “Igreja: lugar de judeus e gentios”, realizada em Sorocaba, nos dias 15 a 17 de abril de 2016, da qual Benjamin Berger foi o principal preletor. Falaram também no evento: Maurício Bronzatto (Grupo News), Harold Walker (Ministério Impacto) e as irmãs Ádola e Nechama (Irmandade Evangélica de Maria).

**Benjamim Berger** é judeu messiânico e líder espiritual de uma congregação que se reúne na igreja Christ Church, em Jerusalém. É palestrante de renome internacional e muito procurado. Seus estudos bíblicos e seminários são muito profundos, fundamentados nas Escrituras e ungidos com a revelação de Deus. Ele está envolvido também com ministérios de reconciliação entre judeus, árabes cristãos e cristãos das nações, unidos em Jesus, Yeshua. Nasceu numa família

de judeus ortodoxos em Nova Iorque, tornou-se arquiteto e mudou-se para a Dinamarca, em meados da década de 1960. Nesse país, com o coração vazio e à busca de Deus e do sentido verdadeiro da vida, teve um encontro real com Jesus (Yeshua), que mudou completamente sua vida. Benjamin e seu irmão Ruben moram em Israel desde o início dos anos 1970.

**Pedro Arruda**

Agosto de 2016 - Barueri/SP





## **UM ENCONTRO SOBRENATURAL COM O MESSIAS**

por Benjamin Berger

### **À sombra do Holocausto e da tradição judaica ortodoxa**

Eu fui criado numa família judaica que seguia a tradição ortodoxa da nossa religião. Meus pais, fugindo à perseguição nazista, vieram a se conhecer na Bélgica. Minha mãe era de uma família bastante religiosa, que vivia há mais de cem anos na Áustria, numa comunidade não muito distante de Viena. Quando Hitler invadiu a Áustria e anexou seu território ao da Alemanha, os judeus precisaram sair imediatamente, sem conseguir levar consigo nada do que possuíam. A casa dos meus avós foi esvaziada, e eles tiveram que abandoná-la, deixando tudo para trás, exceto a roupa do corpo. Suas contas bancárias foram fechadas, e o dinheiro, confiscado.

Fugindo, então, de sua cidade, foram primeiramente a Viena porque precisavam encontrar um jeito de deixar o país. Meu avô era obrigado a se apresentar diante da Gestapo (polícia política do Estado alemão) uma vez por semana. Em razão das agressões que sofria dos nazistas nessas ocasiões, ele

veio a perder a audição. Com muita dificuldade, conseguiu sair ilegalmente da Áustria e se refugiou com sua família na Bélgica, para onde, na mesma época, meu pai se dirigia, escapando da Alemanha. Foi, portanto, na Bélgica, que ainda não havia caído sob o poder dos alemães, que meus pais se conheceram, se apaixonaram e se casaram.

Quando a perseguição se intensificou, meu pai partiu para os Estados Unidos e, posteriormente, tomou providências para que minha mãe viesse ao seu encontro. Ela embarcou no último navio que, naqueles tempos sombrios, teve permissão de deixar a Bélgica com destino aos Estados Unidos. Meus avós não tiveram a mesma sorte, e então tentaram se refugiar na Suíça, também sem sucesso, pois os suíços haviam fechado as fronteiras para os judeus e entregavam aos alemães aqueles que se arriscavam a cruzá-la. Capturados, meus avós foram levados a um campo de concentração na França e, de lá, em 1942, deportados para Auschwitz, onde morreram.

Eu nasci nos Estados Unidos. Embora nunca tenha experimentado pessoalmente estas coisas terríveis, cresci debaixo da sombra do Holocausto. Minha mãe tinha apenas dezoito anos quando deixou a Europa, depois dessa traumática separação da família, à qual ela era muito apegada. Eu e meu irmão mais novo fomos criados na tradição ortodoxa judaica. Os judeus ortodoxos precisam guardar muitas leis, 613 ao todo, algo de que ninguém é capaz.

Até os treze anos, tive uma educação religiosa: estudávamos as Escrituras, o Talmude e outros textos do gênero. Meus relacionamentos eram quase que totalmente com judeus. O cristianismo para mim se resumia às coisas que, em geral, eu via na televisão à época do Natal. Não sabia nada além disso.

## Em crise e à procura de respostas

Quando entrei na adolescência, comecei a passar por um tempo de questionamentos. Fazia muitas perguntas sobre Deus, especialmente por causa da nossa história. Como era possível o Deus a respeito de quem eu lia na Bíblia permitir que acontecessem tantas coisas ruins com o meu povo? As perguntas que eu tinha eram bem típicas daquelas que todo judeu traz consigo. Eu sei disso porque há muitos anos tenho testemunhado da minha fé para outros judeus. Normalmente, quando falo sobre o amor de Deus para eles, é comum fazerem perguntas como esta: “Ah, você está falando sobre o amor de Deus? Então me explique como ele permitiu que tais e tais coisas acontecessem conosco?”. É o tipo de coisa que eu vivia questionando na minha adolescência.

Quando estava com dezoito anos, preocupado com a formação profissional, comecei a pensar sobre como deveria encaminhar os estudos universitários. Minha família queria que eu desse continuidade aos negócios do meu pai, mas não me sentia com a mesma vocação. Inscrevi-me numa escola de arquitetura, apesar de, até então, não ter nenhuma experiência nessa área. Passei por um exame e, para minha própria surpresa, fui aprovado e admitido numa excelente escola de arquitetura. Era a primeira vez que estava saindo da minha comunidade judaica, e o choque cultural foi grande.

Eu ainda era um judeu ortodoxo praticante e, como tal, usava filactérios, que são pequenas caixas de couro, presas ao braço por uma tira também de couro, dentro das quais são colocados textos das Escrituras, como, por exemplo, Deuteronômio 6.4-9:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua

alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

A ideia por trás desse costume é que, desta forma, você está se ligando a Deus. A meu ver, é uma ideia muito boa, mas meu colega de quarto, católico, não gostava. Ter um judeu religioso a seu lado o deixava muito irritado. Os demais alunos judeus também não aprovavam. Apesar disso e de estar cheio de perguntas interiores, eu prosseguia com essas práticas.

Com o tempo, porém, como as dúvidas em meu coração crescessem muito, abandonei esses rituais. Eu já nem sabia se Deus realmente existia. E cogitava comigo: “Será que posso acreditar nas Escrituras? É um livro confiável?” De tanto pensar, cheguei à conclusão de que a Bíblia não passava de uma mistura de histórias e lendas. Não mais conseguia crer nos milagres que ela relatava. Em poucos anos, deixei totalmente de ser um judeu praticante.

No meio da década de 1960, fui para a Dinamarca, onde era bem fácil alguém com formação em arquitetura se empregar. De fato, arranjei um bom trabalho, mas em meu coração não havia paz. Seguia lutando para encontrar minha própria identidade. Penso que isso acontecia em dois níveis diferentes: um deles tinha a ver com a pergunta “O que é ser um judeu?”. Ou seja, o que nós somos: um povo, uma religião, as duas coisas ao mesmo tempo? Por que uma história tão difícil? Essa inquietação ocupava minha mente e meu coração continuamente. O outro nível era sobre a condição humana: teria sido por acaso que eu nasci ou a vida escondia um significado mais profundo?

## O encontro com Deus e a revelação de Yeshua

Cheguei a pensar que nunca conseguiria respostas para estas perguntas até que um dia, no ano de 1967, quando voltei para casa depois do trabalho, tive uma experiência surpreendente. Ao chegar, fiz a mesma coisa de sempre: preparei uma xícara de café e comecei a ler o jornal. Mas nesse dia em particular, eu estava sem paz interior. Então deixei de lado o jornal e comecei a pensar em todas aquelas questões de fé. E falei para mim mesmo: “Você chegou a um lugar em sua vida em que não acredita em mais nada. Tem alguma coisa muito errada com você.” E continuei: “Todo mundo precisa acreditar em alguma coisa. As pessoas acreditam em muitas coisas diferentes, e aquilo em que elas acreditam nem sempre é verdade. Se vou acreditar em alguma coisa, gostaria que fosse em algo verdadeiro. Será que existe tal coisa?”

De repente, tive a sensação de que não estava mais sozinho naquele ambiente. Não tive nenhuma visão, não vi ninguém, mas senti muito claramente uma presença naquela sala. Foi algo diferente, como eu nunca até então havia experimentado. Posso até conseguir explicar isso hoje, mas na ocasião seria incapaz de fazê-lo. Era a presença da santidade e do amor de Deus. Sem entendimento, porém, eu só sabia que era algo vindo de um outro mundo, por isso fiquei bem assustado com o que estava acontecendo. De uma coisa tinha certeza: não era produto da minha imaginação, mas algo bem real.

Eu era uma pessoa muito racional, em boa medida por causa do meu ceticismo. Acreditava somente naquilo em que pudesse tocar, naquilo que pudesse ver. Não possuía nenhuma inclinação mística ou espiritual, mas sabia que o que estava sentindo naquela sala era real. E essa presença começou a se aproximar de mim. Apesar de me sentir apavorado, continuei

sentado no mesmo lugar. Em seguida, foi como se alguém pegasse uma chave, encaixasse-a exatamente no meu coração, girasse essa chave e abrisse uma porta. Era uma porta muito espessa, como a de um cofre de banco, e, no entanto, foi aberta, e aquela presença pôde penetrar no meu coração. Sem entender nada, comecei a chorar. Era o próprio amor de Deus entrando no meu coração. Todos sabemos que o toque real do amor de Deus é algo maravilhoso, que nos quebranta.

Mesmo assim, eu não sabia o que, exatamente, estava acontecendo. Então o Senhor falou comigo, e foi isso que me chocou. Eu ouvi a sua voz. Alguém pode perguntar: como era o som da voz dele? Eu a ouvia no meu íntimo e, ao mesmo tempo, tinha a sensação de que ela estava enchendo todo o universo. Ele disse para mim: “Eu sou o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. E eu sou o seu Deus. Sua vida é como um livro aberto para mim: nada é oculto aos meus olhos”. Era uma experiência dupla, maravilhosa e, ao mesmo tempo, assustadora. Por um lado, fiquei sabendo que era conhecido por Deus. Eu não era mais uma pessoa errante na vida, sem propósito. Mas, por outro lado, fiquei assustado por saber que Deus vê tudo. Ele conhece todos os detalhes, mesmo os menores, da nossa vida.

Outra coisa aconteceu: ouvi uma palavra. Uma palavra que, naquela época, eu não conhecia. Era o nome hebraico para Jesus, que é Yeshua. Apesar de não conhecer esse nome, quando o ouvi, soube quem era. Só há uma explicação: o Espírito Santo o revelou para mim. Tive, então, a certeza, de que ele é o Messias, o Messias de Israel. E também o Deus de Israel.

Para um judeu, que tem aversão a Jesus, essa experiência é muito impactante. Ele pensa: “Jesus pertence aos cristãos, e nós sofremos muito com os cristãos, então não temos nada a

ver com ele”. Porém, quando ouvi o nome dele, minha experiência foi o oposto disso. Experimentei a realidade de que ele é o mais próximo a nós.

Deixe-me tentar dar um exemplo do que senti. É como se estivesse andando pela rua e encontrasse alguém que não via há vinte anos, uma pessoa de quem me houvesse esquecido completamente. E eis que encontro esta pessoa depois de tanto tempo e, surpreso, digo a ela: “Puxa, é você?! Eu me lembro de você”. Foi algo parecido o que experimentei, realmente extraordinário. Às vezes penso que foi como uma explosão atômica interior.

Comecei a cogitar se haveria outro judeu que acreditasse naquilo. Eu particularmente não conhecia. Esse pensamento foi difícil para mim, mas juntamente com ele tive a sensação de que, um dia, meu povo teria coletivamente a experiência pela qual eu estava passando no nível pessoal. Como disse o apóstolo Paulo, o véu que cobre os olhos do povo judeu será removido quando Israel se voltar ao Senhor (2 Co 3.14-16). Foi esta a minha experiência: o véu sendo retirado dos meus olhos. Consegui ver algo inédito e senti imediatamente que não era mais a mesma pessoa.

Eu não tinha um amigo sequer que acreditasse nas mesmas coisas. Na época, eles eram o que poderíamos chamar de humanistas. Imediatamente após a experiência, procurei-os, desejoso de compartilhá-la. Todos acharam que eu havia perdido a sanidade porque, até então, nunca falava sobre Deus com ninguém. De repente, comecei a anunciar: “Deus é vivo e ele me conhece, e Jesus é o Senhor”. Meus amigos diziam em resposta: “Você foi longe demais e precisa voltar. Isso não está lhe fazendo bem”. Mas, pela graça de Deus, mantive aquela chama no meu coração. Só mesmo a graça de Deus para me

ajudar a guardar no coração o que havia recebido, já que não tive nenhum apoio de fora, ninguém com quem pudesse falar, e o mundo em que vivia estava indo numa outra direção.

Decidi que precisava ler o Novo Testamento. Achei um exemplar de bolso na língua inglesa e comecei imediatamente. De novo, uma surpresa: eu nunca tinha lido aquele livro antes, mas ele não me parecia um livro estranho. A identificação com as coisas que encontrei naquelas páginas foi enorme. O tipo de educação que tive, por exemplo, parecia-se muito com a dos fariseus. Eu tinha sido criado exatamente daquela maneira, por isso entendia perfeitamente as perguntas que eles faziam a Jesus. Mas as respostas que Jesus lhes dava sempre me surpreendiam: suas palavras, embora muito simples, tinham poder porque procediam do alto, vinham de Deus. A leitura sobre os milagres de Jesus provocou uma mudança radical em minha vida: passei de uma postura de incredulidade a uma certeza no coração de que essas coisas eram verdadeiras. Meus olhos estavam sendo abertos cada vez mais, e eu soube que a Bíblia é a verdade. Toda a minha perspectiva de vida mudou, mas por ora ainda estava sozinho.

### **Duas experiências proféticas em Jerusalém**

Em 1970, planejei fazer uma viagem para a terra de Israel, onde já estivera outras vezes. Desta, porém, meu desejo era visitar os lugares em que Jesus esteve. Foi assim que pude conhecer a cidade antiga de Jerusalém, agora reunificada e acessível aos judeus, já que até 1967, anteriormente à Guerra dos Seis Dias, esta parte da terra estava em poder dos jordanianos. Quando vi Jerusalém, tive uma sensação forte no coração de que Deus continuava a fazer história. A existência de Israel, o fato de Jerusalém estar unida outra vez e a certeza de que Deus estava prosseguindo com seu plano para os judeus



soaram para mim como revelações extraordinárias. Embora criado em um lar que sempre apoiava Israel, eu não tinha nenhum senso profético do que Deus estava fazendo. A nova viagem me trouxe esta sensação profunda: Deus está fazendo história. Não me refiro a uma situação política, mas profética: Deus continua a cumprir sua palavra.

Deus também me levou a uma outra experiência muito significativa. Eu tinha tomado uma decisão de rodear a pé os muros da cidade de Jerusalém. Queria sentir a cidade, então comecei a andar em volta dos seus muros. Quando cheguei a um lugar em frente ao monte das Oliveiras, chamado de “A Porta Dourada”, o Senhor fez algo dentro de mim. Ele me deu uma visão interior da cruz, e eu tive a revelação de que Jesus morreu por mim, por meus pecados. Não era uma experiência de culpa. Ao contrário, revelava o amor dele por mim. Fiquei sabendo, naquele momento, que mesmo se não houvesse outra pessoa no mundo, ele teria morrido na cruz para que eu pudesse ter o perdão dos meus pecados. A partir disso, a questão do pecado se tornou importante na minha vida, e eu comecei a ter uma experiência de arrependimento.

De volta à Europa, o Senhor me fez uma pergunta: “O que você vai fazer agora?” Eu respondi: “Eu quero te seguir. Depois de tudo o que o Senhor me mostrou, se eu não te seguir, serei a pessoa mais tola que já existiu”. Mas, nessa época, não fazia ideia de como seria o caminho. Eu estava na Dinamarca, em Copenhague, e trazia no dedo um anel, que era como um símbolo da minha vida. Fui até o cais, tirei esse anel, levantei-o no ar e disse ao Senhor: “Este anel representa a minha vida até este momento”. Então atirei o anel na água e, com este gesto, dediquei-me inteiramente ao Senhor. “Agora a minha vida pertence a ti”, eu disse a ele.



## O MOVIMENTO MESSIÂNICO EM ISRAEL

por Benjamin Berger

**E**u faço parte do que poderíamos chamar “a geração pioneira do movimento messiânico”, que marca o renascimento ou a restauração da fé em Jesus em Israel. Algumas coisas que nós, judeus, estamos experimentando da parte de Deus são novas e proféticas, afinal, como movimento messiânico, não existimos há quase dois mil anos.

Em João 1.43-45, lemos o seguinte: *“No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galileia e encontrou a Filipe, a quem disse: Segue-me. Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José.”*

A declaração de Filipe é bem significativa e nos leva a indagar: como os discípulos, que eram pessoas simples e até aquele momento pouco conheciam a Jesus, sabiam que ele era aquele de quem Moisés e os profetas haviam escrito? Só há uma explicação: o Espírito Santo lhes revelou, da

mesma maneira que revelou Jesus a mim. Não podemos nos considerar verdadeiramente crentes, a menos que o Espírito Santo nos revele que nascemos de novo.

### **Meu irmão vem a crer no Messias**

A história da minha conversão mostra um pouco dos primórdios do movimento messiânico em Israel. Em 1970, três anos depois de crer em Jesus, senti que precisava ir aos Estados Unidos para falar com minha família. Eu sabia o quanto isso seria difícil, pois, na mente de um judeu religioso, quando alguém de sua família se torna um seguidor de Jesus, é como se tivesse abandonado seu próprio povo e passado para o lado do inimigo. Nada poderia ser pior. Mesmo assim, eu precisava falar com minha família para tentar explicar que não era isso o que tinha acontecido comigo. Procuraria dizer-lhes que Jesus é o nosso Messias, e que eu, um filho de Israel, viera a conhecê-lo e, assim, tinha voltado para casa e para o nosso Deus.

Foi exatamente o que fiz, mas não fui bem-sucedido. Na verdade, a conversa foi um desastre. Meus pais choraram muito. Minha mãe, em especial, ficou bem triste. Para ela era muito importante que o filho continuasse a tradição dos antepassados, seguindo na forma de vida de um judeu ortodoxo, porque seus pais, por este motivo, haviam sido mortos pelos nazistas. Resolvi, então, falar em particular com meu irmão mais novo, de quem eu vivia separado há alguns anos. Enquanto compartilhava com ele minha fé em Jesus, o Espírito Santo se fez presente, e ele também veio a crer, embora não tenha me dito nada neste dia.

Meu irmão pretendia ir para as Ilhas Fiji, mesmo meus pais sendo contrários a essa mudança. Mas um sonho que certa noite minha mãe teve dispôs as coisas em outra direção. Sua mãe, que

havia morrido em Auschwitz, apareceu-lhe neste sonho e disse-lhe para convencer meu irmão a não ir às Ilhas Fiji. Se seguisse essa orientação, o sonho advertia, tudo correria bem para ele.

Na manhã seguinte, assim que tomou conhecimento do sonho, meu irmão entendeu que era Deus quem lhe falava. Desistiu imediatamente de seu projeto e, no mesmo dia, ouviu Deus lhe dizendo: “Vá para Israel”. Da mesma forma que os discípulos haviam deixado suas redes para seguir Jesus, meu irmão abandonou tudo o que estava fazendo para obedecer a essa ordem de Deus. Nem mesmo esperou o dia seguinte para comprar a passagem. Estando a caminho, fez uma parada na Europa para me visitar. Foi só então que me contou que cria em Jesus, o Messias. Eu fiquei muito feliz com isso e pensei: “Que coisa maravilhosa! Ele ouviu meu testemunho uma única vez, e Deus falou com ele que aquilo era a verdade”.

Meu irmão me consultou sobre o lugar em que deveria morar em Israel, e eu, sem que pudesse explicar por quê, aconselhei-o a ir para Betânia. Ele chegou a Israel em dezembro de 1970. Betânia, para onde se dirigiu, era uma vila árabe, constituída principalmente de muçulmanos. Havia uma atmosfera especial ali. Ele entrou numa igreja, dedicada à ressurreição de Lázaro, e sentou-se em um banco. Em pouco tempo, um homem árabe aproximou-se e perguntou-lhe se estava procurando algo ou alguém. Meu irmão respondeu afirmativamente, dizendo que procurava um lugar para morar. Esse árabe pediu que meu irmão o acompanhasse até a sua casa, onde tinha um espaço, no segundo piso, para alugar. Não era algo comum um judeu morando em meio a um grupo de árabes, mas não houve problemas.

Pouco depois disso, comecei a perceber que meu tempo na Europa chegava ao fim. Um dia me ajoelhei em oração e

pedi ao Senhor que me mostrasse para onde deveria ir. No dia seguinte, recebi um telegrama. Era do meu irmão, chamando-me para ir a Israel ao seu encontro. Eu sabia que era a resposta de Deus. Assim, em primeiro de fevereiro de 1971, fui para Israel, onde moro até hoje.

## **O início de tudo em Betânia**

Eu e meu irmão começamos uma vida juntos. Dedicávamos muito tempo lendo as Escrituras, e Deus começou a nos mostrar coisas novas. Passávamos muitas horas na presença de Deus no quatinho que havíamos reservado para oração. Foi um tempo maravilhoso! Quando Deus está por perto, não há nada comparável.

Começamos a sentir que, nessa época, o Senhor, depois de muito tempo, estava voltando novamente o seu rosto para o povo de Israel. Criamos que algo novo estava para acontecer. Passamos a encontrar jovens judeus que já possuíam fé viva em Yeshua e tivemos também a oportunidade para falar com alguns de nossos compatriotas e levá-los a conhecer Jesus.

Lembro-me de uma situação bem interessante envolvendo um judeu ultraortodoxo. Diante desse homem, certa vez, na cidade antiga, passava um outro judeu portando uma Bíblia – uma Bíblia cristã, como se costuma dizer em Israel, em referência ao fato de ela conter a Nova Aliança. Muito irado, o religioso foi em direção ao homem com a Bíblia e o agrediu, ao mesmo tempo em que gritava com ele nos seguintes termos: “Você é um judeu, por que está com esta Bíblia cristã?”

A essa interpelação, o homem disse: “Porque eu creio que Jesus é o Messias de Israel”. O religioso refutava-o veementemente, então o judeu messiânico propôs que examinassem juntos as Escrituras, e o seu oponente aceitou. Num dos

encontros, o judeu ultraortodoxo foi informado sobre dois irmãos que, apesar de um passado bastante religioso, tinham vindo a crer em Jesus. Fomos, então, apresentados e passamos a nos encontrar regularmente. As reuniões eram bem interessantes. Sempre líamos as Escrituras, e as reações do homem eram diversas: às vezes, ficava bastante inquieto, apenas ouvindo. Outras vezes, ficava muito irado, proferia insultos e por pouco não lançava maldições. Esse processo continuou por uns nove meses.

Certa noite em que estávamos reunidos na cidade velha de Jerusalém, esse homem irrompeu em nossa reunião, veio afoitamente em nossa direção e disse: “Eu preciso falar com vocês agora”. Hesitamos em atendê-lo porque não podíamos simplesmente deixar o que estávamos fazendo. Mas ele insistiu na urgência daquela conversa, e então tivemos que pedir a um irmão para presidir a reunião enquanto tomávamos um táxi para nossa casa em Betânia. Ele estava incomodado com um impasse a que havia chegado depois de passar por todos os seus livros religiosos: no Antigo Testamento, sempre existia um sacrifício pelo pecado, mas desde que o templo fora destruído, já não havia um sacerdócio em funcionamento nem sacrifício pelo pecado. Ele percebeu que no judaísmo existe realmente arrependimento. Mas e o perdão?

Mostramos-lhe, então, que o judaísmo afirma que se alguém se arrepender, haverá perdão. O cristianismo diz o mesmo, porém com uma grande diferença: há perdão porque houve um sacrifício. Se não houvesse o sacrifício de Jesus, não haveria perdão. Quando, enfim, chegou a esse entendimento, o homem quis saber o que deveria fazer. Dissemos a ele que precisava fazer o mesmo que havíamos feito: arrepender-se de seus pecados e receber a salvação que só Yeshua pode conceder. Nós o orientamos a orar imediatamente, mas ele alegou

não saber fazê-lo como estávamos propondo. Contando, então, com a nossa ajuda, ele orou e recebeu o Senhor. Deus estava nos dando uma amostra dos muitos que ainda viriam e, de igual forma, receberiam a mesma fé em Jesus.

Eu e meu irmão continuamos morando em Betânia por mais cinco anos. Foi nesse tempo, por volta de 1971, que conhecemos as Irmãs Evangélicas de Maria. Elas tiveram uma influência muito positiva sobre nós, pois, como judeu, eu pensava que, depois de tudo o que haviam feito, os alemães nunca poderiam se tornar verdadeiros cristãos. Mas, por meio das experiências profundas de arrependimento dessas irmãs alemãs e de seu dedicado amor pelo povo de Israel, Deus começou a abrir meu coração para o povo alemão.

### **A pequena comunidade em Rosh Pina**

Posteriormente, quando recebemos documentos de cidadania israelense, tivemos que deixar Betânia porque esse território era considerado Cisjordânia, pertencia aos palestinos, e os judeus não tinham permissão para morar ali. Enquanto ainda não tínhamos clareza sobre o lugar aonde Deus queria que fôssemos, passamos uns dias com alguns amigos no monte das Oliveiras em oração. Nessa época, éramos três, já que um outro irmão judeu havia se juntado a nós. O Senhor nos deu o nome de uma cidadezinha no norte da Galileia chamada Rosh Pina, que em hebraico significa “*pedra de esquina*”, tal como vemos no Salmo 118.22: “*A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular*”. Jesus citou esse versículo aplicando-o a si mesmo. Os apóstolos também fizeram o mesmo.

Já eram meados da década de 70 e, chegados à vila de Rosh Pina, começamos a procurar um lugar para ficar. As pessoas nos diziam que não havia nada para alugar ali, mas criamos



que se Deus tinha nos enviado para Rosh Pina, ele nos ajudaria a encontrar alguma coisa. Foi somente à noite, depois de passarmos o dia procurando, que alguém nos indicou um lugar. O dono da casa manifestou interesse em vendê-la e quis saber quem nós éramos. Tendo por princípio não esconder nossa fé, respondemos que éramos judeus que criam que Jesus é o Messias.

Normalmente, quando alguém diz isso em Israel, as portas se fecham imediatamente para essa pessoa. Não foi o que aconteceu conosco. Embora tenhamos deixado o local sem uma resposta do proprietário, o terceiro irmão do nosso grupinho tinha convicção de que aquela era a casa que Deus tinha nos dado. Era bom que isso fosse verdade porque fomos informados de que deveríamos deixar a casa onde estávamos morando em Jerusalém. Mas a situação só se definiu no dia em que venciam o nosso prazo, quando recebemos uma correspondência do dono do imóvel de Rosh Pina, informando que estava decidido a alugá-lo para nós.

Reunimos nossos poucos pertences e fomos para a Galileia. Como a casa estava em péssimas condições, precisamos usar nossas economias para restaurá-la. Terminado o trabalho, passamos uma semana em jejum e oração, dedicando a nossa vida e rededicando aquela casa ao Senhor. Ele nos deu um nome para a casa, Emanuel, que eu pintei na fachada. Isso atraiu a atenção dos vizinhos. Logo se soube que naquele lugar moravam três jovens que criam que Jesus é o Messias.

No início, não tivemos problemas e pudemos compartilhar o Evangelho com várias pessoas. Tudo estava indo muito bem. Nossos vizinhos mais imediatos eram um jovem casal de judeus que tinha vindo morar em Israel. A esposa nos visitava com frequência, ouvia o Evangelho e acabou recebendo o

Senhor, o que deixou seu marido muito irado. Este nos disse que havíamos destruído seu casamento: Jesus entrara naquela relação, e ele não conseguia mais viver em paz com a esposa. Chegou mesmo a proibi-la de vir a nossa casa. Começamos, então, a orar por ele e fizemos isso por cerca de um ano.

Certa manhã, ele acordou e disse para sua esposa que cria em Jesus. Veio até nós com muita humildade, reconhecendo que não tinha sido gentil, e nos contou que se tornara um seguidor de Jesus. Eles se uniram a nós e, pouco depois, foram batizados no Espírito Santo. Agora éramos cinco. Reuniamos-nos com frequência para orar e adorar juntos ao Senhor. Os vizinhos nos ouviam, especialmente quando cantávamos.

Esse homem recém-convertido despertou a atenção de um amigo judeu, interessado em saber qual era a novidade que passou a reconhecer em sua vida. A novidade, ele ficou sabendo, era a fé em Jesus como Messias. Inteirado de toda a história, este judeu quis conhecer os irmãos que haviam compartilhado o Evangelho com seu amigo. Quando a oportunidade chegou, meu irmão, certa noite, foi à casa desse homem e ouviu-o relatar dois sonhos que tivera. Em um dos sonhos, tinha visto dois anjos: um vestido de vermelho, e o outro, de azul.

Esses anjos lhe pediam que se preparasse porque o Senhor vinha chegando. Foi então que viu entre os dois anjos uma enorme figura vestida de branco, que começou a falar com ele, embora o que dissesse fosse-lhe incompreensível. Quando essa figura falava, era como se uma espada saísse de sua boca. No outro sonho, ele via muita gente correndo e quis saber por que faziam isso. Essas pessoas lhe disseram que estavam indo ao encontro do Messias. Assim que esse judeu terminou de relatar os seus sonhos, meu irmão forneceu-lhe as explicações e ouviu esse homem expressar seu desejo de andar conosco. Chegou,

inclusive, a dizer que meu irmão poderia chamá-lo, desse momento em diante, de irmão. Ele havia recebido o Senhor.

Algumas semanas depois, esse homem veio até nós, numa sexta-feira à noite, para a celebração do *Shabat*. Sua esposa, que o acompanhara, ainda não tinha se convertido. Assim que entrou em nossa casa, ela disse o seguinte: “Me parece que o noivo está aqui”. Ora, ela não sabia quem era o Noivo. Então meu irmão lhe perguntou quem era o noivo e ouviu-a dizer que estava sentindo algo ainda mais especial do que na ocasião em que se casara. Naquela noite, ela também veio a ter fé em Jesus. Assim, passamos a ter três casas: a nossa, a do vizinho e a desse novo casal. Tornamo-nos conhecidos na cidade, embora as pessoas não conseguissem entender o que estava acontecendo.

### **Em meio às perseguições, cresce o agir de Deus em Israel**

Um outro vizinho, descontente com a situação, foi até um grupo de judeus religiosos e falou com eles a nosso respeito. Estes disseram: “Isso tem que parar”. E então começou a perseguição, inicialmente com cartazes pregados por toda a cidade, advertindo as pessoas a não se aproximarem das nossas casas. Havia mensagens que alertavam sobre o perigo que as crianças estavam correndo, pois nós criamos em Jesus. O clima da cidade mudou da noite para o dia, as pessoas ficaram com medo. Um dia, a vizinha que morava ao lado, nossa irmã na fé, veio nos comunicar algo que o Senhor estava lhe mostrando: não devíamos dormir naquela noite porque íamos ser atacados. Prevenidos, montamos guarda em frente à nossa casa. No meio da noite, apareceram cerca de trinta judeus religiosos. Traziam pedras nas mãos e vinham dispostos a nos agredir. Arrombaram a casa, lançaram tinta preta nas paredes, quebraram os móveis e nos atiraram no chão.

Acordados com os nossos gritos e julgando que éramos vítimas de terroristas, os vizinhos saíram com suas armas e dispersaram aquele bando.

Mas isso foi só o começo. Vieram a seguir anúncios na rádio e também em muitos jornais alertando as pessoas sobre nós. Chegamos, inclusive, a ser convidados a falar em um canal de televisão. A princípio, recusamos e nos colocamos em oração. Uma semana mais tarde, houve novo convite e, dessa vez, sentimos que Deus queria que fôssemos. A emissora enviou um táxi de Jerusalém à Galileia para nos conduzir até a sua sede.

Antes de o programa ir ao ar, fizeram uma espécie de ensaio conosco. Era nítida a intenção do entrevistador de nos fazer parecer uma seita. Trocamos breves palavras e decidimos que falaríamos o menos possível de nós mesmos e o mais que pudéssemos de Jesus. E foi o que fizemos. O entrevistador fez tudo o que conseguiu para tentar nos colocar numa situação embaraçosa. E a todo momento pronunciava propositalmente de forma incorreta o nome de Jesus.

As pessoas em Israel geralmente chamam Jesus de Yeshu, quando o seu nome verdadeiro é Yeshua. Uma letra, nesse caso, faz toda a diferença no significado. Yeshu tem uma conotação muito negativa, que nem vale a pena mencionar. Yeshua, por sua vez, significa salvação. Houve um momento da entrevista em que nós interrompemos o entrevistador e dissemos com firmeza: “O nome dele não é Yeshu, mas Yeshua, que significa a salvação de Deus”.

Ele, então, nos perguntou: “O que vocês diriam se eu lhes contasse que este momento da transmissão não está aparecendo em nenhum televisor em Israel?” Como desconhecíamos se ele falava ou não a verdade, não dissemos nada em

resposta. Passados uns dois minutos, o entrevistador disse que o problema tinha sido resolvido, e as pessoas tinham novamente o som e a imagem. Continuamos a compartilhar. Dissemos que ainda éramos um grupo pequeno, mas nos próximos anos haveria muitos como nós em Israel.

No caminho de volta para casa, perguntei ao taxista se havia assistido ao programa, e ele respondeu que sim. Quisemos saber se a história sobre o sinal da transmissão ter se perdido por alguns momentos era verdadeira, e o taxista confirmou. Constatamos que o programa tinha saído do ar exatamente quando explicávamos que o nome de Jesus não é Yeshu, mas Yeshua.

Não ignoramos que há uma guerra espiritual sendo travada. O inimigo não quer que o povo de Israel conheça o nome verdadeiro de Jesus. Passado esse episódio, a perseguição continuou de diversas maneiras naquela vila. Houve uma época em que quase não podíamos caminhar pelo local, pois até mesmo as crianças nos insultavam e atiravam pedras contra nós. Apesar dessa hostilização, continuamos por ali, onde tivemos experiências maravilhosas.

Uma delas envolveu um garotinho da vila, de uns dez anos de idade, filho de um dos vizinhos. Ele sempre vinha à nossa casa, e líamos o Evangelho para ele numa bíblia de crianças. Um dia, no entanto, enquanto fazia a leitura, notei que ele começou a chorar. Perguntei-lhe o motivo, mas ele não respondeu. Teria Jesus entrado no coração dele?, eu quis saber, mas ele permaneceu em silêncio. No dia seguinte, alguém bateu à porta. Era o menino. “Lembra que você me fez uma pergunta ontem?” Sim, eu me lembrava. Ele tinha vindo para me dar a resposta: “Eu creio em Jesus”. Esse garotinho tinha sido salvo pela ação do Espírito Santo.

Deus nos falou nessa época para sermos totalmente dependentes dele. Procuramos obedecer-lhe e, de fato, experimentamos um milagre depois do outro. Foi nesse mesmo tempo que Deus começou a agir em várias partes de Israel. Começamos a ouvir relatos de jovens judeus de diferentes regiões do país que estavam recebendo a fé em Jesus. Era como o começo de um pequeno avivamento, algo nunca visto em Israel, que marcou o começo do movimento messiânico entre nós. Novas comunidades nasceram, músicas inéditas foram compostas na língua hebraica, pessoas estavam sendo batizadas no Espírito Santo. Isso aconteceu no final da década de 70, um novo tempo.

Permanecemos na vila de Rosh Pina por mais ou menos cinco anos. Depois disso, fomos para a cidade de Tiberíades, onde iniciamos uma nova comunidade. Houve muita perseguição à nossa espera nesse lugar. Certa vez, estávamos reunidos na sala de um hotel, espaço que havíamos reservado para celebrarmos a ceia, quando um grupo religioso chegou ao lugar e depredou as janelas. Em meio ao ataque, tomamos a decisão de prosseguir com a reunião, e o Senhor nos protegeu. Apesar da ofensiva, ninguém se feriu.

Em outra ocasião, os religiosos colocaram fogo nesse lugar. Passamos, então, a nos reunir ao ar livre, geralmente em parques, porque ninguém mais queria alugar um local para nós. Durante o período em que permanecemos em Tiberíades, fomos atacados continuamente, mas Deus prosperou aquela comunidade, que é hoje, talvez, a maior comunidade messiânica em Israel.

Algum tempo depois, o Senhor nos chamou para Jerusalém. Acompanhados de algumas pessoas de Rosh Pina, seguimos para lá e constituímos uma nova comunidade. Em

Jerusalém, fiquei sabendo que havia um pequeno grupo de judeus messiânicos se reunindo com um pastor anglicano e decidi conhecê-los. Nessa primeira visita, o pastor me perguntou se eu tinha disposição para assumir responsabilidades entre eles e começar uma nova congregação. Antes de lhe dar uma resposta, voltei para casa e compartilhei a proposta com meu irmão.

Em oração, sentimos que Deus queria que aceitássemos o desafio. Havia, no entanto, um entrave: o grupo se reunia numa igreja anglicana, e tínhamos muito claro que Deus nos enviava para edificar uma comunidade messiânica. Nosso aceite exigia a condição de ministrarmos nós mesmos a ceia do Senhor. O entrave, então, mudou de lado: para os anglicanos, num local consagrado como aquele templo, somente um sacerdote ordenado poderia ministrar a ceia. Ele deteve a sua resposta por um mês, quando voltou a me procurar, dizendo que aceitava nossa condição.

É preciso entender que esse ponto era algo muito importante e dele dependia a constituição de uma comunidade com as características judaico-messiânicas. Se um sacerdote anglicano estivesse ministrando, seríamos considerados uma igreja anglicana. Começamos, então, os trabalhos, e o Senhor abençoou a congregação, o que não nos livrou de passarmos por muitas provações. Hoje essa congregação tem praticamente 28 anos, e Deus tem mantido a sua mão sobre nós.

### **Tudo isso é apenas o começo**

Com a queda do comunismo, mais de um milhão de pessoas receberam liberação dos países comunistas para emigrar para Israel. Sob tal regime, essas pessoas tinham sido despidas de toda a tradição religiosa judaica. Isso as tornou mais acessíveis

ao Evangelho do que os judeus que já moravam em Israel. Muitas delas têm vindo a crer em Jesus, o que fez com que o número de comunidades judaico-messiânicas mais do que dobrasse. Nossa congregação recebeu muitas dessas pessoas.

Um exemplo bem significativo disso são os judeus da Etiópia, que se consideram descendentes da tribo de Dã, origem que alguns estudos recentes têm comprovado. Tendo sido os primeiros exilados de Israel, antes mesmo do cativeiro babilônico, sua tradição é muito diferente das dos demais judeus. Vários milhares desses judeus etíopes retornaram a Israel, muitos dos quais se tornaram verdadeiros seguidores de Jesus.

O movimento messiânico está crescendo. Se ainda não é o avivamento propriamente dito, penso que é o começo dele, porque não tem havido nada semelhante a isso na terra de Israel desde os tempos apostólicos. Cremos que temos o chamado de Deus para preparar o caminho para a conversão do povo judeu, caminho este que ficou fechado durante muito tempo, em parte pela história da igreja cristã, e em parte pelo nosso próprio pecado.

Hoje, cada vez mais, torna-se conhecida em Israel a existência desses judeus que creem em Jesus como Messias. Já temos uma segunda e, até mesmo, terceira geração de judeus messiânicos. Os jovens das comunidades estão completamente integrados à sociedade de Israel. Recentemente, uma jovem de dezesseis anos de uma família da nossa congregação teve, juntamente com outros jovens, a oportunidade de falar sobre a fé em Yeshua para algumas turmas de alunos de sua escola. Como resultado, vários jovens têm feito perguntas e recebido exemplares do Novo Testamento. Para nós isso é revolucionário, o tipo de coisa que não acontecia antes, que mostra que Deus está começando a agir e a ir além.



Anos atrás, quando estava servindo o exército, tive uma experiência parecida. Meu oficial me odiava porque sabia que eu cria em Jesus. Um dia pensei que ele fosse me envergonhar porque se certificou de que eu havia trazido a bíblia e me pediu que o acompanhasse até um hangar onde se faziam reparos em tanques. Lá chegando, convocou todos os soldados e anunciou a eles que eu tinha algo para lhes falar, na certa acreditando que me humilharia. Abri, então, a bíblia em Isaías 53 e comecei a falar de minha fé em Yeshua com todos aqueles soldados. Muitos quiseram conversar comigo depois disso e traziam várias perguntas. Deus virou o jogo contra aquele oficial que tinha armado uma cilada para mim.

São coisas como essas que Deus está começando a fazer em Israel, mas tudo ainda é uma preparação para algo muito maior que virá. Como isso, exatamente, vai acontecer, eu ainda desconheço. O que sei é que está chegando a hora de o povo judeu receber, em nível nacional, uma revelação de Yeshua como Rei e Messias. Eu penso que, da mesma forma como João Batista preparou o caminho do Senhor por ocasião de sua primeira vinda, a comunidade messiânica tem hoje a função de preparar o caminho da segunda vinda.



## **O TEMPO DA RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS**

por Benjamin Berger

### **O profeta Elias e o Êxodo final do povo de Deus**

O dia 16 de abril é uma data especial no calendário judaico. É o último sábado antes da festa da Páscoa, chamado de “o grande sábado”. A leitura bíblica para este dia é a do capítulo 4 do profeta Malaquias, que trata da vinda de Elias e da conversão do coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais.

Na tradição judaica, a festa da Páscoa é muito ligada ao profeta Elias. Desde os dias bíblicos, os judeus acreditavam que a chegada do Messias seria precedida pela vinda de Elias, o profeta encarregado por Deus de restaurar todas as coisas. Vemos isso com clareza no Novo Testamento nas predições do anjo Gabriel sobre João Batista: este iria adiante do Senhor no espírito e poder de Elias e realizaria a restauração de que nos fala Malaquias (Lc 1.17).

No monte da transfiguração, três dos discípulos viram Jesus em toda a sua glória e, ao lado dele, Moisés e Elias. Quando desceram do monte, os discípulos perguntaram a

Jesus por que os escribas afirmavam ser necessário que Elias viesse primeiro (Mt 17.10). Ao que tudo indicava, os discípulos não estavam vendo João Batista como aquele que tinha vindo no espírito de Elias. E mais: tendo acabado de ver Elias no monte, como explicar que a vinda de Jesus, se este era mesmo o Messias, não fora precedida pela do profeta?

Jesus, então, forneceu-lhes uma resposta com uma dupla aplicação do texto de Malaquias. Em primeiro lugar, ele disse: *“De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas”* (Mt 17.11). Ao usar o tempo futuro, Jesus certamente estava se referindo à sua segunda vinda. Em seguida, fez menção a João Batista: *“Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles. Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista”* (vv. 12-13).

Este assunto da restauração de todas as coisas reaparece na fala de Pedro em Atos 3.19-21: *“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade”*.

Pedro está dizendo que, antes da vinda de Jesus, haverá um tempo de “restauração de todas as coisas”. Compreender isso é muito importante para que não caiamos no equívoco de achar que o Senhor pode voltar a qualquer momento, estando as coisas como estão. A vinda de Jesus está conectada a algo chamado “restauração de todas as coisas”. Ele não virá antes disso.

Quando os judeus celebram a Páscoa, há uma expectativa em relação a essa restauração. Nós, messiânicos, além da leitura do Êxodo do Egito, lemos também sobre a crucificação

e a ressurreição do Senhor. De acordo com a tradição judaica, nesta festa, sempre há um lugar para Elias. Uma cadeira vazia e um cálice são reservados para ele. E há um momento específico na celebração da noite em que a porta é aberta para que o profeta possa entrar. Por que os judeus fazem isso? Porque a Páscoa é ligada ao Êxodo, e a expectativa é de que quando o Senhor vier, haverá algo que poderá ser chamado de segundo Êxodo. Será o Êxodo final.

O Êxodo do Egito foi algo tremendamente admirável. Não apenas porque o povo finalmente foi liberto da escravidão, mas também porque houve juízo sobre os deuses do Egito. Este segundo ponto é muito importante, especialmente quando consideramos a forma como o mundo está caminhando hoje. Muitas denominações cristãs estão se afastando da verdadeira fé em Jesus, chegando mesmo a afirmar que há diferentes caminhos para Deus. E ao se posicionarem dessa forma, é como se reconhecessem a existência de outros deuses, todos eles levando ao mesmo alvo.

Algumas expressões místicas e religiosas vêm crescendo bastante. É o caso, por exemplo, do movimento Nova Era, do espiritismo e da Cabala. Mas Deus é um Deus ciumento. Ele sempre disse: *“Eu, somente eu, sou Deus. Não terás outros deuses além de mim”* (cf. Êx 20.3). Nenhuma mistura, nada de sincretismo. No final, Deus vai julgar esses outros deuses e vai demonstrar que somente ele é Deus – O Deus de Israel, o verdadeiro Deus. Portanto, o Êxodo final tem a ver com o povo de Israel e de todas as nações saindo desse envolvimento e mistura com outros deuses.

### **De volta à condição original**

Se quisermos entender a restauração, precisaremos compreender o que Deus pretendia desde o início, quando criou

o mundo, afinal restaurar alguma coisa é devolvê-la a seu estado original. A intenção primordial de Deus será, no fim, realizada em Cristo.

O relato de Gênesis sobre a avaliação de Deus, no final do sexto dia, ao concluir sua obra de criação, é bastante animador: “*Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia*” (Gn 1.31). Precisamos dar atenção a essas palavras: Deus estava contemplando aquilo que acabara de realizar e considerou que não era apenas bom, mas “muito bom”. Ele estava satisfeito com sua criação. Não havia nada a reparar. Era um quadro muito diferente do que vemos hoje. Pensando nos objetivos do Senhor naquele momento, eu destacaria dois pontos principais que são o alvo de Deus na terra: um povo para Deus e, ligado a isso, o reino de Deus.

Em Gênesis 1.26, lemos: “*Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...]*”. Creio que a grande batalha da história tem a ver com o trabalho de Deus para conformar o homem à sua imagem. O que significa termos sido criados à imagem de Deus? Significa que, no início, éramos parecidos de alguma maneira com Deus. E qual é a imagem original, o protótipo? Yeshua, o próprio Jesus.

Paulo, aos colossenses, diz que o Filho “*é a imagem do Deus invisível*” (Cl 1.15). O próprio Jesus disse de si mesmo: “*Quem me vê a mim vê o Pai*” (Jo 14.9). Ele é a imagem perfeita de Deus. Nessa condição original, criado à imagem do Filho, o homem podia ter comunhão constante com Deus e chamá-lo de Pai. E, a partir desse relacionamento, podia exercer autoridade sobre toda a criação. Uma autoridade inspirada no governo de Deus, bem diferente do modelo atual, procedente de uma humanidade caída e egocêntrica, que toma o poder em suas mãos e o exerce independentemente de Deus.

Na queda do homem está a chave para entendermos o mundo em que vivemos. Mas não era assim no princípio, quando o homem sujeitava à autoridade de Deus a autoridade que havia recebido. Era, portanto, uma autoridade altruísta, que comunicava vida e manifestava o reino de Deus sobre a terra. A propósito, o tema do reino de Deus não começa com o Novo Testamento, mas está presente desde o Gênesis.

Deus também disse ao homem que fosse fecundo e se multiplicasse (Gn 1.28). No coração de Deus, havia um povo. Ele queria que a terra fosse cheia de um povo que o conhecesse. Na oração do Pai-nosso, nós pedimos para que o reino de Deus venha e sua vontade seja feita assim na terra como no céu (Mt 6.10). Isso tem a ver com o mistério que chamamos de encarnação. Deus deseja que sua criação seja uma expressão da Trindade aqui na terra. Conhecer esses princípios é fundamental para entendermos o mistério de Israel e o mistério da salvação se estendendo a todos os povos da terra.

É preciso lembrar que Deus plantou duas árvores no jardim: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E proibiu ao homem que comesse do fruto desta última. O que haveria de errado em conhecer a respeito do bem e do mal? Ora, tal conhecimento, quando não sujeito a Deus, é intrinsecamente mal.

Vejamos: a sociedade contemporânea está se tornando cada vez mais humanista. Desligado de Deus, o homem é quem determina para si mesmo o que é bom e o que é mau. E isso muda com grande frequência. Daqui a alguns anos, os parâmetros serão definidos de maneira diferente. Por exemplo: nos Estados Unidos, a suprema corte decidiu recentemente que o casamento homossexual é legalmente válido em todos os estados da União. Alguns líderes de igreja que estão

abertos a essa ideia fornecem todo tipo de explicação para justificar sua posição. Alegam a diferença entre os contextos bíblico e contemporâneo e, portanto, a impossibilidade de a interpretação de uma dada realidade se aplicar a outra, distante da primeira no tempo e na cultura. Chegam mesmo a argumentar que as uniões homoafetivas são uma questão de amor, e Jesus nunca seria contra algo que tem a ver com amor.

O que ocorre é que essas pessoas não estão mais debaixo da autoridade de Deus e de sua Palavra. Foi por isso que Deus disse a Adão que este morreria se comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A serpente, então, interveio, insinuando que Deus estava mentindo, pois temia que o homem se tornasse como ele depois de comer o fruto proibido. Essa foi a tentação à qual Adão e Eva sucumbiram e que produziu uma ruptura entre Deus e o homem. Tendo rejeitado o amor doador e altruísta de Deus, o homem se tornou um ser egoísta e provou o seu primeiro exílio. Não compreenderemos restauração sem conhecermos o plano original de Deus e o que houve de errado.

Mas Deus, em seu amor e misericórdia, não destruiu a humanidade, mesmo ela tendo ferido profundamente o seu coração. Toda a história que se seguiu à queda no jardim do Éden é a busca de um caminho de volta para Deus, e diz respeito à restauração da sua imagem no homem, tal como ele havia planejado no início. É por isso que na Bíblia, em especial no livro de Crônicas, temos tantos registros genealógicos.

As genealogias têm a ver com uma linhagem de bênçãos que passam por toda a humanidade. Em alguns momentos da história, por exemplo no tempo de Noé, essa linhagem de bênçãos ficou muito frágil. Às vezes pensamos na história de Noé como um conteúdo para crianças. Ela é muito mais do que isso. Num curto período de tempo, depois da queda do homem, praticamente toda a raça humana se tornou corrupta.



A narrativa bíblica é dramática: Deus chegou a se arrepende de ter feito o homem, tamanha era a ferida provocada em seu coração pelo estado em que se encontrava a sua criação. Deus, porém, encontrou alguém que achou graça aos seus olhos. E em meio ao juízo do dilúvio, preservou Noé e sua família, oito pessoas, para que uma linhagem de piedade e fidelidade a Deus tivesse continuidade.

### **Para fora do sistema: a travessia de Abraão**

Pouco depois do tempo de Noé, temos o episódio da torre de Babel. Uma das razões para a sua construção foi a unidade. A edificação da torre era um projeto em comum para manter a concentração daquele ajuntamento de pessoas e proporcionar-lhes um nome notável na terra. Embora se tratasse de uma unidade sem Deus, aquelas pessoas não desconheciam a força que há nesse tipo de união.

Outra razão para o projeto, talvez a principal, era usurpar o lugar de Deus. Essa mesma mentalidade de Babel sobrevive em nossos dias. As torres que se multiplicam pelo mundo como verdadeiros arranha-céus são símbolos dessa aspiração pelo poder. Alguns países disputam o primeiro lugar até mesmo na altura de seus prédios.

O caminho de Deus é o oposto disso. Quando veio trazer salvação, ele desceu. E desceu até a posição mais baixa possível. Os cristãos romantizaram a história do nascimento de Jesus, mas a realidade foi bem diferente. A razão por que Jesus nasceu onde nasceu, num lugar destinado a animais, é que no mundo não havia espaço para ele. Esta é a mensagem do Evangelho: no sistema deste mundo, não há espaço para Jesus. Tanto a sua vinda quanto a sua volta são indesejadas.

Depois da torre de Babel, chegamos à história de Abraão. Não podemos separar essas histórias. O espírito que estava em Babel era o mesmo que estava no mundo, por isso Deus chama Abraão para fora desse sistema. E esse “sair para fora” é fundamental na Bíblia. Eis o motivo por que Abraão é conhecido como o primeiro hebreu.

Em hebraico, a palavra para hebreu é *ivrit*. A raiz dessa palavra significa atravessar, ir de um lado para o outro, à semelhança de quem cruza um rio. Quando recebeu o chamado de Deus, Abraão precisou atravessar o rio Eufrates. Deus foi muito claro: ele devia deixar tudo para trás. Não era algo fácil de fazer.

Disse-lhe o Senhor: “*Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei*” (Gn 12.1). O Senhor não queria que Abraão carregasse consigo nada de sua cultura. Era um convite para um novo começo. Este foi o significado da travessia de Abraão: uma ruptura com o seu passado, tal como fazemos no batismo.

Um dos nomes em hebraico para o lugar onde Jesus foi batizado é *Bethabara*, cujo significado é *lugar de travessia*. Quando Jesus foi batizado, houve uma travessia. Vemos isso particularmente no Evangelho de Lucas: o relato do batismo de Jesus é seguido da relação de sua genealogia, que recua até Adão. Isso significa que Jesus está se identificando com toda a humanidade, desde Adão, e, dessa forma, abrindo um caminho para que todos façam a mesma travessia, em direção à restauração da imagem de Deus.

### **A vocação de Israel: ser uma bênção para todas as nações**

Juntamente com o chamado para essa travessia, Abraão fica sabendo que se tornará uma grande nação (Gn 12.2). Diferentemente das demais nações, que tinham um passado antes

que o Evangelho as alcançasse, a história de Israel, de modo singular, começa com Deus, cujo nome está estreitamente ligado ao daqueles que são os grandes representantes deste povo em formação: *“Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”*.

Deus também promete a Abraão: *“te abençoarei e te engrandecerei o nome”* (v.2). A importância dessa bênção fica muito evidente na busca de Jacó, mesmo ele se mostrando reprensível ao querer herdá-la mais do que qualquer outra coisa. *“Sê tu uma bênção!”* (v.2), Deus diz a Abraão, dando a entender que Israel seguiria debaixo da vocação e aprovação divinas se incluísse outros nesta mesma bênção. Ora, isso chegou até os apóstolos, que, ao saírem às nações e pregarem o Evangelho, cumpriam a palavra que Deus dera a Abraão.

Deus prossegue: *“Abençoarei os que te abençoarem”* (v.3). A maioria das pessoas não entende isso. Ao contrário, com base nos acontecimentos que são noticiados, tecem duras críticas ao comportamento de Israel. No fundo, no entanto, o que estão questionando é o papel que cabe a Israel exercer no plano de Deus. É verdade que somos um povo pecaminoso, mas este não é ainda o fim da história. Deus tem uma aliança com esse povo e não desistirá dela. Ele não é o Deus do divórcio (Mt 2.16).

Ele tem conduzido o povo judeu por um caminho muito longo e doloroso, o que não significa que se esqueceu de sua aliança. Por amor de seu nome e também porque ama a Israel, ele vai manter sua mão que sustenta esse povo. Deus não descansará enquanto não fizer desse povo uma nação santa, um reino de sacerdotes. É muito importante que as nações entendam isso e abençoem o povo de Israel. Elas serão igualmente beneficiadas, porque participarão da mesma bênção.

A contrapartida disso também é verdadeira: *“amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”* (Gn 12.3). Basta olhar a história bíblica: nenhuma das nações antigas, que lutavam contra Israel, sobreviveu. Do Egito antigo, só restaram pirâmides, monumentos e ruínas. O mesmo aconteceu com Babilônia, Grécia e Roma antigas. Israel, no entanto, esse pequeno povo que os inimigos tentaram destruir, ainda se mantém vivo. Só há uma explicação: a aliança inquebrável de Deus, que dispôs esta nação para ser uma bênção e continua aguardando pacientemente até que essa vocação se cumpra em plenitude. Isso, porém, só acontecerá quando Israel reconhecer o seu Rei. Então, *“em ti serão benditas todas as famílias da terra”* (v.3).

Vemos, portanto, desde o início, a humanidade dividida entre Israel e as nações. No Messias, essas duas partes tornam-se uma unidade. Este é um grande mistério do plano soberano de Deus.

## **O nascimento sobrenatural do povo de Deus**

Um dos passos em direção à concretização da promessa de abençoar todas as famílias da terra foi dado quando Deus mudou o nome de Abraão. Inicialmente ele se chamava Abrão, que significa “pai exaltado”. Com o acréscimo da letra “hey”, que representa a palavra hebraica “ramon” (muitos, multidão), Abrão se torna Abraão, cujo significado é “pai de multidões”. Ele é pai de Israel, mas também é pai de todas as nações que se unem a Israel para serem o povo do Senhor.

A história de Abraão é repleta de provas. Quando Deus faz uma aliança com ele, leva-o para fora da tenda e mostra-lhe as estrelas do céu, dando a entender ao pai da fé que sua descendência seria igualmente incontável. Mas havia um problema: Abraão não tinha filhos. Segue-se uma tensão provocada pela

distância entre a promessa e o seu cumprimento. Somente a fé para superar essa tensão. E Abraão creu no Deus dos impossíveis, o que lhe foi imputado como justiça (Gn 15.6).

Contudo, ninguém pense que Abraão foi isento de falhas. Juntamente com sua esposa Sara, achou que poderia dar uma ajudinha para Deus. Julgaram que talvez tivessem que fazer algo para que a palavra de Deus se cumprisse. E fizeram. Todos conhecemos a história do nascimento de Ismael e os problemas que isso provocou. O Senhor, porém, só queria uma coisa deles: que continuassem crendo.

Próximo de cumprir o que prometera, Deus apareceu para Abraão. Dessa vez, precisou o tempo do nascimento do filho da promessa: dentro de um ano. Sara, porém, considerando sua idade de 90 anos, e a de Abraão, de 100, riu, provavelmente porque se misturavam dentro dela sentimentos de incredulidade e gozo interior. Disso deriva o nome de Isaque: Deus estava dando àquele velho casal um motivo de riso, algo que lhes traria ao mesmo tempo surpresa e alegria.

Três homens estiveram visitando Abraão nesta oportunidade, e um deles, o que permaneceu dialogando com Abraão quando os outros dois foram a Sodoma levar o juízo divino, era o próprio Deus. O texto de Gênesis 18 em hebraico é muito claro a esse respeito e deixa muitos rabinos sem resposta.

Por fim, quando Isaque era um jovem, Deus pediu a Abraão que o oferecesse como sacrifício. Não era só o amor pessoal de Abraão por Isaque que estava em jogo. Todas as promessas que Deus havia feito a Abraão e que tinham ligação com aquele filho estavam prestes a virarem cinzas no altar. Oferecer, portanto, aquele filho significava devolver a Deus tudo o que ele havia prometido.

Provavelmente, Abraão não conseguiu entender plenamente o que estava acontecendo, mas o ponto central é que, acima das promessas, ele escolheu Deus. Podemos perguntar por que Deus o levou a passar por tudo isso. O Senhor estava mostrando que o povo que iria nascer de Abraão seria gerado, em primeiro lugar, do próprio Deus. Não era algo natural.

O nascimento de um povo de Deus é algo sobrenatural porque se trata do povo de Deus. E todas as nações que vêm a ter fé em Yeshua tornam-se parte do povo de Deus. É por isso que Jesus fala sobre o novo nascimento. Há uma diferença entre aquilo que nasceu da carne e aquilo que nasceu do Espírito de Deus.

### **O aumento do ódio contra Israel e a unidade do povo de Deus nos últimos dias**

Ainda estamos envolvidos nessa história grandiosa. Quanto mais nos aproximarmos do fim, maior tensão haverá, principalmente porque as nações estão caminhando na direção oposta e ficarão cada vez mais iradas com esse Deus. O clímax disso será um ajuntamento mundial para vir atacar a cidade de Jerusalém, que é a cidade do grande Rei, o lugar onde Deus colocou o seu nome (Zc 14.1-3; Ap 19.19). As nações não gostam disso.

Podemos ver um pouco dessa tensão no fato de os países não estabelecerem uma embaixada em Jerusalém, mas apenas consulados. Parece haver uma recusa generalizada em reconhecer que a cidade unida de Jerusalém é a capital de Israel. Inconscientemente, as nações sabem o que esta cidade representa. Não ignoram a conexão que Israel mantém com Deus. Isso explica por que os ataques e a inimizade contra Israel só vão piorar.

É importante que o véu seja removido dos olhos dos cristãos e eles percebam essa realidade. Quando apoiam Israel, eles estão dizendo sim a Jesus e ao Deus de Israel. A batalha

já está acontecendo. Basta observar como houve um aumento do antissemitismo nos últimos anos, principalmente com as ofensivas do Islã. A perseguição aos cristãos deflagrada pelo islamismo vai se intensificar, mas Deus tem o seu povo e vai terminar o que começou. No final, dirá outra vez: “É muito bom!”. Ele vai conseguir uma noiva para seu Filho. O mistério da noiva é que ela se parece com o noivo. E isso será alcançado como resultado da sua restauração.

Israel, que representa a oliveira cultivada, ou seja, a oliveira messiânica, segundo a alegoria de Paulo em Romanos 11, tem um papel-chave nessa história. Todas as nações, como ramos silvestres, foram enxertadas, contra a natureza, nessa boa árvore. Se isso foi possível, *“quanto mais não serão enxertados na sua própria oliveira aqueles que são ramos naturais!”* (Rm 11.24).

Judeus e gentios, então, ficarão juntos na mesma árvore. Essa é a verdadeira unidade. Alguns esforços ecumênicos procuram unir cristãos de diferentes segmentos de fé e não conseguem. A explicação está em Romanos 11: falta a chave. Não podemos fazer as coisas de maneira diferente daquela que Deus ordenou. Quando Israel construiu o tabernáculo, não foi com base no projeto de um artista engenhoso. Deus deu a planta a Moisés: *“Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte”* (Êx 25.40). É por isso que temos tantos capítulos dedicados aos detalhes do tabernáculo.

A verdadeira unidade pela qual Jesus orou (Jo 17) vai acontecer. É preciso acreditar nisso e andar por esse caminho. É o único caminho para nós. Aqueles que chegam a essa compreensão têm uma responsabilidade de orar pela salvação de Israel. Não é uma questão de nós e eles, mas de todos nós juntos. É hora de andarmos juntos. Um só povo de Deus, na imagem de Deus, sendo preparado para a volta do Senhor.





## UM QUADRO PROFÉTICO DA TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

por Benjamin Berger

Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino. Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, é bom estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias. Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo. Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais! Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus. E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos. (Mt 16.28; 17.1-9)

Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas,

mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo. Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração, sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo. (2 Pe 1.16-21)

Os discípulos estiveram com o Senhor durante quase todo o tempo em que ele ministrou na terra e começaram a crer que ele, de fato, era o Messias. Porém, até o evento da transfiguração, nunca tinham visto Jesus em sua glória. Pedro, posteriormente, compreendeu que esse acontecimento estava relacionado com a segunda vinda de Jesus e a anunciava como alguém que tinha sido testemunha ocular da mesma majestade que Jesus irá manifestar quando voltar (2 Pe 1.16).

No monte da transfiguração, Deus Pai reafirma: *“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”*. Essas palavras já haviam sido ditas por ocasião do batismo de Jesus. O batismo aconteceu num dos lugares mais baixos do planeta Terra, no vale do Jordão, próximo ao Mar Morto. Ao entrar nas águas, Jesus desceu ainda mais, simbolizando sua identificação com toda a humanidade. Essa identificação se concretizou nos três anos em que ele exerceu seu ministério sacerdotal. Jesus se tornou homem e, como tal, foi *“tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado”* (Hb 4.15).

A chave do ministério sacerdotal é a identificação. Se alguém recebe um chamamento sacerdotal para interceder por um

povo, é essencial que se identifique com as pessoas pelas quais está orando. Do contrário, não será possível se aproximar delas.

Ao dizer *“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”*, o Pai está revelando o nível de intimidade que procura com a humanidade redimida. Todo o ministério terreno do Senhor foi vivido debaixo dessa afeição e termina na cruz, onde há a identificação mais plena possível com o pecador. Como Paulo disse, por tomar sobre si os nossos pecados, ele se tornou pecado (2 Co 5.21). Na cruz, Jesus clama em alta voz: *“Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”* (Mt 27.46).

Esta foi sua maior dor: uma separação completa do Pai. Tudo aquilo que se cumpriu na vida de Jesus estava sob o selo recebido em seu batismo no rio Jordão: *“Tu és meu filho amado, em quem me comprazo”*. No evento da transfiguração, temos novamente as mesmas palavras, agora porém pronunciadas não a partir do lugar mais baixo da terra, mas do alto de um monte. É um quadro profético da segunda vinda, do reino de Deus vindo em plenitude. As presenças de Moisés e Elias são representativas nesse quadro. Precisamos entender o que isso significa.

### **Moisés como figura do povo de Israel contemplando a face de Deus**

Num primeiro nível, podemos dizer que Moisés é a testemunha da Torá, das Escrituras, e Elias, dos profetas. Portanto a lei e os profetas estão testemunhando juntos que Jesus é o Messias. Há, no entanto, algo mais nesse acontecimento. Vejamos.

No relato de Mateus sobre a transfiguração, Jesus faz a seguinte afirmação: *“Alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino”* (Mt 16.28). Essas palavras de Jesus não

podem ser interpretadas literalmente, uma vez que os três discípulos que testemunharam aquela manifestação gloriosa já passaram pela morte. A transfiguração tem a ver com o Filho do Homem vindo no seu reino. É uma visão profética. E, de acordo com Pedro, nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação (2 Pe 1.20), isto é, a profecia tem um significado específico que Deus lhe dá. Sua interpretação depende, portanto, da revelação do Espírito Santo.

Além de significar o testemunho da lei sobre o Messias, o que mais Moisés representa na cena da transfiguração? Precisamos voltar a Êxodo 33 para compreender. Nesse momento, Moisés pede para conhecer mais a Deus e aos seus caminhos e acaba sendo atendido. Deus decide fazer passar toda a sua glória diante de Moisés.

Mas há uma ressalva: *“Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá. Disse mais o Senhor: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá”* (Êx 33.20-23). Por que Moisés não podia ver a face de Deus? É um mistério, mas nós podemos compreender algo aqui.

A entrega da Torá para Israel por Deus foi um acontecimento extraordinário. Todo o povo encontrava-se ao pé do Monte Sinai, que ardia como se fosse um forno. Por meio da tábua dos dez mandamentos, Deus estava fazendo uma aliança com Israel. No entanto, por maior que tenha sido a aliança mosaica, como ela ficou conhecida, a face de Deus permaneceu oculta. Ela somente seria revelada na face de Yeshua, Jesus.

Devemos ter cautela para não interpretar equivocadamente o versículo que diz que Deus falava face a face com

Moisés, como alguém fala a seu amigo (Êx 33.11). Trata-se de uma figura de linguagem para dizer que Deus falava diretamente com ele. Não por meio de sonhos ou enigmas, mas diretamente. Mesmo assim, a face de Deus permanecia oculta.

Quando Moisés desceu do monte, depois de ter visto a glória de Deus, sua face resplandecia (Êx 34.29-35). Foi preciso cobrir o rosto com um véu, pois os filhos de Israel não conseguiam contemplar aquela glória e temiam chegar-se a Moisés. As implicações do rosto oculto de Deus ainda hoje estão presentes em Israel. Quando ministram a bênção sacerdotal, os sacerdotes viram as costas para o povo e cobrem a cabeça com o *talit* (uma espécie de manto ou xale de orações). Sob o *talit*, eles fazem o sinal da letra *shin*, que é a primeira da palavra *Shaday*, um dos nomes santos de Deus, que significa todo-poderoso. E então se viram para o povo, mas mantendo seu rosto encoberto.

Eu sei disso porque venho de uma família sacerdotal. Depois do meu *bar-mitzvá* (a cerimônia que marca a maturidade religiosa no judaísmo), aos treze anos, eu ficava em pé junto ao sacerdote e abençoava o povo, embora nunca entendesse por que tínhamos que cobrir o rosto. Quando questionei algumas pessoas sobre essa prática, a resposta não foi convincente. Disseram que era uma espécie de lenda ou tradição, segundo a qual, quem olhasse para o rosto do sacerdote ficaria cego.

No monte da transfiguração, porém, o rosto de Jesus resplandecia como o sol, e Moisés pôde olhar para ele. O que isso significa? Moisés representa o povo de Israel. Quando ele vê o rosto de Yeshua, é como se Israel estivesse ali na mesma contemplação.

Isso nos remete a Gênesis 32, que narra o momento em que Jacó finalmente recebe a bênção que tanto desejava. Nesse relato, nós o vemos atravessar a noite toda em luta com um

homem misterioso. Quando o dia amanhece, este homem pede que Jacó o deixe partir, mas ouve em resposta as palavras de alguém determinado a ir até o fim com o seu propósito: *“Não te deixarei ir se me não abençoares”* (Gn 32.26). O nome de Jacó é mudado para Israel, pois, nas palavras do visitante, Jacó havia lutado com Deus e com os homens e prevalecido. Em razão de ter visto Deus face a face e continuado vivo, Jacó chama àquele lugar Peniel, cujo significado é “a face de Deus”.

Este é outro evento central relacionado a Israel. Jacó sabia que o homem com quem lutava era o próprio Deus e não quis desperdiçar a oportunidade de receber a bênção, desta vez de forma legítima, já que anteriormente a obtivera fraudulentamente, aproveitando-se da senilidade de seu pai e disfarçando-se de Esaú. Em Peniel, encontrar-se com o rosto de Deus provocou em Jacó uma mudança de caráter: o suplantador, o enganador tornou-se Israel, cujo significado é “príncipe com Deus”.

Já no monte da transfiguração, o encontro com a face de Deus leva a um passo além. Moisés representa a Torá e o povo de Israel. E é justamente como representante do povo de Israel que ele vê a face de Deus, o que aponta para o plano profético relacionado à segunda vinda de Jesus.

### **Elias e a reconciliação entre pais e filhos**

O outro personagem que vem até Jesus no monte é Elias, o profeta. Como já tive oportunidade de mencionar anteriormente, o último capítulo de Malaquias apresenta Elias como aquele que virá para restaurar o coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais.

Há diferentes níveis de compreensão desse texto de Malaquias. Um deles, que eu reputo como muito importante,

reconhece os pais deste texto como o povo de Israel. Os apóstolos originais eram todos do povo de Israel, e representam os pais autênticos da Igreja. Os filhos, nessa perspectiva, são as nações.

Uma divisão terrível aconteceu entre o povo de Israel e as nações. A história é repleta de acontecimentos que contribuíram para isso. Um exemplo clássico foi a Inquisição, que provocou um abismo entre as igrejas cristãs e os judeus. Não desconhecemos como estes últimos foram condenados aos milhares e mortos nos tribunais da Inquisição.

Se recuarmos bem mais no tempo, veremos os mesmos motivos na destruição do segundo templo pelos romanos, no ano 70. Ou, posteriormente, por volta do ano 130, quando o imperador Adriano arrasou completamente a cidade de Jerusalém, mudando o seu nome para Aelia Capitolina e o de Israel para Palestina, com o intuito de apagar da história a memória deste povo. Os judeus foram proibidos de entrar na cidade de Jerusalém, exceto no dia nove do mês de Av, que ficou marcado na história como um dia de tragédia para o povo de Israel, mesmo na época do Holocausto.

Os pais da Igreja, ao interpretarem essa má sorte de Israel, criaram o que chamamos de “teologia da substituição”, que diz que Deus não teria mais nada a fazer com os judeus. Deus, segundo esse entendimento, havia se divorciado de sua primeira esposa e se casado com a Igreja, que se tornara, então, o Israel de Deus. Em razão desse pensamento na Igreja cristã, as divisões só se acentuaram.

Mais recentemente, no final do século 19, houve os *pogroms* na Rússia, isto é, ataques em massa dirigidos contra minorias étnicas, em especial os judeus. Milhares e milhares de judeus foram assassinados, acusados de responsabilidade

pela morte de Jesus. Esse e outros eventos contribuíram grandemente para separar Israel e as nações – pais e filhos.

O ministério de Elias vem para uni-los novamente, trazendo cura e reconciliação. Estamos falando sobre um só povo de Deus, composto de duas partes. Em João 10, quando Jesus fala de si mesmo como bom pastor e menciona os cuidados que tem com suas ovelhas, ele faz referência a um outro rebanho: *“Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor”* (Jo 10.16).

Jesus está dizendo que reunirá Israel e as nações e fará dos dois um só povo. E sobre esse povo em unidade ele governará como único pastor.

### **Elias, o verdadeiro altar e a cura das divisões**

Há algo, ainda, sobre Elias, que é muito importante nesse quadro profético da transfiguração. A explicação está em 1 Reis 18. O contexto em que Israel vivia era bem negativo: o rei Acabe casara-se com uma mulher estrangeira chamada Jezabel, que trouxe de sua terra o culto a Baal e contaminou com ele toda a nação. Em pouco tempo, o povo de Israel ficou dividido entre dois deuses, misturando a sua fé no Deus verdadeiro com o culto ao deus cananeu. Nós chamamos isso hoje de sincretismo. Mas não era possível misturar Deus com Satanás. Deus não podia suportar essa condição, por isso levantou Elias para trazer restauração a Israel.

Elias procura o rei Acabe e manda-o ajuntar todo o Israel, bem como todos os profetas e sacerdotes de Baal, no monte Carmelo. Era uma convocação para dar fim àquela mistura: *“Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o”* (1 Rs 18.21). A questão se resolveria



da seguinte forma: os representantes do culto a Baal construiriam um altar, e Elias, igualmente, outro altar. Ambos apresentariam um novilho em sacrifício. Os primeiros invocariam o seu deus, e Elias invocaria o nome do Senhor. Aquele que respondesse com fogo do céu e consumisse a oferta seria considerado o verdadeiro Deus.

Depois de prepararem o seu altar, os profetas de Baal passam a manhã fazendo rituais e invocações, mas nada acontece. Eles dançam em volta do altar, mutilam-se com facas, derramam o próprio sangue, mas o fogo não vem. Chega, então, a vez de Elias, e ele diz ao povo: *“Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele; Elias restaurou o altar do Senhor, que estava em ruínas”* (1 Rs 18.30).

Nessa época, Israel já era uma nação dividida: havia o reino de Judá, no Sul, onde estavam o templo e os sacerdotes, e o reino de Israel, no Norte, que se havia afastado consideravelmente de Deus. A ação de Elias, ao restaurar o altar, é profética e aponta para o restabelecimento da unidade entre os reinos divididos: *“Tomou doze pedras, segundo o número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual viera a palavra do Senhor, dizendo: Israel será o teu nome”* (1 Rs 18.31). A menção a Jacó, cujo nome tinha sido mudado para Israel, leva-nos novamente a Gênesis 32: esse altar também se relaciona com Israel contemplando a face de Deus.

Em seguida, Elias acrescenta uma dificuldade à consumação do seu sacrifício: despeja sobre o novilho e sobre a lenha uma quantidade tal de água, que ela corre ao redor do altar e enche o rego que fora cavado. Então Elias clama ao Senhor, dizendo: *“Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo saiba que tu, Senhor, és Deus e que a ti fizeste*

*retroceder o coração deles. Então, caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” (1 Rs 18.36-39).*

Tendo realizado um ato profético de unir o povo dividido, quando ajuntou doze pedras para edificar o altar, Elias clama a Deus e vê o fogo caindo do céu e consumindo tudo. À vista disso, o povo se prostra e reconhece que só o Senhor é Deus.

Temos, nesse episódio, um outro quadro profético de pais e filhos se reunindo. É uma figura da unidade do povo de Deus. E quando há essa unidade, o fogo de Deus cai. Nós estamos sempre clamando a Deus por avivamento, e raramente o avivamento vem, porque fazemos isso como uma igreja dividida. Houve muitas tentativas de unidade, mas ainda estamos divididos. Somos como uma casa quebrada em muitas partes. Deus está esperando que algo profético aconteça, à semelhança do desafio de Elias. Quando a unidade for uma realidade profunda, o fogo de Deus vai cair.

É preciso lembrar, no entanto, que a primeira divisão dos cristãos ocorreu entre as partes judaica e gentílica da igreja. A divisão entre católicos e ortodoxos foi bem posterior, assim como a divisão entre católicos e protestantes e outras que começaram a surgir no meio do protestantismo. Fica claro que quando a primeira divisão for curada, essa reconciliação vai afetar todas as outras divisões, e elas começarão a ser curadas.

Haverá, também, uma separação entre o altar falso e o altar verdadeiro. Há um altar falso presente atualmente em muitas denominações, o que provoca um afastamento do Espírito de Deus. Deus está esperando o verdadeiro altar, e é o ministério do espírito de Elias que vai edificá-lo. As pessoas não vão conseguir mais coxear entre dois pensamentos. Ao

contrário, elas cairão de rosto em terra e proclamarão: “O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!”.

No monte da transfiguração, Pedro disse ao Senhor que estaria disposto a construir três tabernáculos: um para Jesus, um para Moisés e outro para Elias. Não sabemos exatamente por que ele disse isso. Em minha interpretação, penso se tratar de uma visão profética. O capítulo 14 do livro de Zacarias fala sobre a segunda vinda de Jesus. Há uma ligação entre a vinda de Jesus e a Festa dos Tabernáculos. De acordo com Zacarias, todas as nações deverão subir de ano em ano a Jerusalém para adorar o Rei e celebrar a Festa dos Tabernáculos. E se alguma nação se recusar, deixará de receber chuva (Zc 14.16-17).

Eu acredito que Pedro viu uma relação entre aquela visão e a Festa dos Tabernáculos. Quando celebram essa festa, os judeus vivem em cabanas ou tendas durante oito dias. Daí a ideia de Pedro de construir três tendas. Parece muito ingênuo, mas na verdade ele estava experimentando algo no Espírito.

A transfiguração tem, portanto, um significado profundo que se relaciona estreitamente com a segunda vinda de Jesus. Eu creio que para nós o mais importante é a edificação desse altar, que está ligado à restauração da visão da face de Deus: uma visão que Israel vai contemplar olhando para a face de Jesus.

Claro que não podemos fazer isso na nossa própria força. Elias só fez o que fez porque o Espírito de Deus o moveu. Mas Elias também tinha um coração voltado para Deus e sentiu muita dor ao ver a condição de Israel naqueles dias. Eu creio que a transfiguração é uma mensagem de Deus para nós hoje. Ele quer que sejamos seus instrumentos para que finalmente seu rosto e sua glória possam ser revelados.



## **A PREPARAÇÃO PARA A VINDA DE JESUS NO LIVRO DO APOCALIPSE**

por Benjamin Berger

**M**ais ou menos 25 anos atrás, ansiando por um tempo de retiro e tendo ouvido que a Ilha de Patmos seria ideal para isso, desloquei-me para lá. Não foi difícil começar a amar aquela ilha. Mas havia um problema: eu não encontrava um lugar onde pudesse ficar sozinho com Deus. Um tempo depois, de volta a Patmos, orei ao Senhor e coloquei diante dele essa dificuldade. No último dia de minha permanência na ilha, fui informado de que alguém estava me procurando.

Imaginei que houvesse algum engano, pois eu não tinha conhecidos no local. De forma misteriosa, uma senhora cristã que eu nunca tinha visto convidou-me para sua casa. Estando à mesa com ela e seu marido, veio a oferta: quando desejasse, poderia vir para a ilha e ficar numa casa de visitas de propriedade da família e lá permanecer sozinho o tempo que precisasse. Foi assim que Deus respondeu à minha oração.

Durante muitos anos visitei a ilha e estive nessa casa, que fica num lugar alto, retirado e silencioso, ideal para orar e

estudar a palavra de Deus. Muitas vezes, nesse tempo, dediquei-me ao livro do Apocalipse, que, como se sabe, é de difícil interpretação e entendimento. Eu creio que o Senhor não quer que olhemos para esse livro como um grande quebra-cabeça, mas como uma revelação sobre a necessidade de preparação para as coisas que irão acontecer e sobre a maneira como deve se dar essa preparação.

### **A visão de Jesus no meio dos candeeiros**

O livro começa com a revelação de Jesus Cristo. Convida-nos, portanto, a retirar dos olhos o véu e ver Jesus como ele realmente é: o Senhor soberano de toda a criação; o que nos ama e nos redimiu; aquele que voltará e será visto por todos; o Alfa e o Ômega, capaz de levar a história ao seu desfecho. Muitos lamentarão quando o virem, porque, enfim, reconhecerão que ele é o Senhor, a quem foram tão indiferentes.

Essa revelação de Jesus é confiada ao apóstolo João para ser encaminhada às sete igrejas, que representam a plenitude da Igreja: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Sete é o número principal do Apocalipse e nos leva de volta à criação, em especial ao dia do descanso sabático. No final, temos a consumação desse descanso sob dois aspectos: o milênio, que é quando Jesus volta e estabelece seu reino sobre toda a terra, e a Nova Jerusalém, que desce do céu como esposa do Cordeiro. Haverá, enfim, a junção definitiva da terra e dos céus. Esse é o quadro que permanecerá para sempre.

O Apocalipse aborda, por um lado, o juízo divino e, por outro, a preparação do povo de Deus. Há uma grande ênfase no êxodo do povo de Deus do sistema babilônico. Culmina com a batalha final entre Jesus e a besta que conhecemos por anticristo. O ponto mais alto do livro é a ceia das bodas

do Cordeiro porque esse evento torna patente que a noiva, composta de judeus e gentios, estará, enfim, preparada. O tempo verbal usado para descrever essa preparação está no passado. Trata-se, portanto, de uma garantia da parte de Deus de que ele completará sua obra na Igreja: as bodas serão celebradas futuramente, mas a *“esposa a si mesma já se ataviou”* (Ap 19.7-8).

No início do livro, Jesus fala com as sete igrejas e a apenas duas delas não dirige nenhuma palavra de admoestação: Esmirna e Filadélfia. As demais são encontradas em falta. A primeira carta é destinada à igreja de Éfeso. Embora se portasse corretamente, não tolerando os falsos apóstolos, esta igreja havia abandonado o primeiro amor. Temos algo central aqui: uma igreja pode fazer tudo certo e mesmo assim não agradecer a Deus. Há boas obras, porém não há amor e devoção ao Senhor motivando-as.

Jesus exorta Éfeso a se arrepender, sob pena de ter o seu candelabro removido. O candelabro representa a plenitude do Espírito Santo na igreja, ou seja, os sete Espíritos de Deus que ardem como sete tochas de fogo diante do trono de Deus (Ap 4.5). Ora, se Jesus remove o candelabro, o Espírito Santo se retira e há escuridão na igreja. Não é esta a realidade que estamos vendo em muitas igrejas hoje? Algumas acabam mesmo invadidas por presenças demoníacas e flertam com a imoralidade.

As igrejas a que Jesus se dirige no Apocalipse tinham problemas com o que se denominava *“as obras dos nicolaítas”*. Ao que parece, tratava-se de uma doutrina que estabelecia duas classes de pessoas dentro da Igreja: a elite ministerial e as pessoas comuns; o clero e os leigos, destoando sensivelmente do quadro da igreja primitiva descrita pelo livro de Atos, em que a existência de uma liderança não

promovia qualquer tipo de distinção de classes. Todos, inclusive os apóstolos, se consideravam igualmente irmãos e irmãs em Cristo. Esse princípio é muito importante e, a julgar pela menção de Jesus quando escreve a Éfeso (Ap 2.6), parece ter sido abandonado muito cedo.

Todas as sete cartas terminam com uma mensagem “ao vencedor”, num claro indício de que Deus espera que perseveremos até o fim. As exortações são acompanhadas de um convite ao arrependimento e da promessa de uma recompensa celestial aos que atenderem à expectativa divina. Uma mesma recomendação aparece na conclusão de todas as mensagens: *“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”*.

É fundamental para a Igreja em todas as épocas e lugares ouvir especificamente o que o Espírito Santo está dizendo. Para nós, que vivemos no fim dos tempos do fim, o Senhor tem algo próprio para dizer. É preciso, portanto, ter ouvidos para ouvir. A principal oração que o povo de Israel faz é o “Shemá, Israel” (“Ouve, Israel”, conforme Dt 6.4). Ouvir, nesse sentido, significa também entender corretamente o que Deus espera que façamos neste nosso tempo.

Jesus é visto em pé no meio das sete igrejas, e o aspecto com que ele se apresenta é muito semelhante ao do quadro da transfiguração: João diz que o rosto dele brilhava como o sol na sua força (Ap 1.16).

A descrição detalhada dessa visão gloriosa do Senhor mostra-o, ainda, *“com vestes tálares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes (...)”* (Ap. 1.13-16).



A representação da espada saindo da boca do Senhor nos remete a Hebreus 4.12: o que Jesus fala é a palavra penetrante e santificadora de Deus, capaz de dividir alma e espírito, separar o falso do verdadeiro.

Jesus diz, ainda, a João: *“Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno”* (Ap 1.17-18). Essa visão introdutória do Apocalipse, em que Jesus aparece em pé no meio dos candeeiros, é uma figura do relacionamento do Senhor com a Igreja. Ele está no meio de nós como o santo e sumo sacerdote (Hb 4.14), aquele que conhece a nossa condição e, embora nos seja favorável, precisa nos repreender e corrigir para que nos tornemos semelhantes a ele.

### **A sala do trono e o livro selado**

Depois desse quadro inicial, o restante do livro do Apocalipse vai nos revelar o que ainda virá. João é arrebatado aos céus (Ap 4), e o cenário que passa a nos apresentar pode ser compreendido de duas maneiras: como a sala do trono de Deus, o lugar onde ele reina e executa seus juízos, e também como o templo de Deus, uma vez que os elementos ali presentes são muito semelhantes aos do templo em Jerusalém: as sete tochas, o mar de vidro, o candelabro, o altar de incenso, a arca da aliança, além do sacrifício supremo do Cordeiro com sete olhos e sete chifres. Vemos também os anjos ministrando. No livro do Apocalipse, eles assumem os lugares dos sacerdotes e cumprem toda a liturgia do templo celestial. Estamos, portanto, na sala do trono, mas também no interior do templo de Deus.

Desse lugar procedem os atos de juízo de Deus sobre os povos da terra que rejeitaram o sacrifício do Messias: *“Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões”* (Ap 4.5). Ali está o Cordeiro,

com seus sete olhos e sete chifres. Os sete olhos significam os olhos de Deus, que veem tudo, bem como o Espírito de Deus, que cobre toda a terra. Quanto aos chifres, que na Bíblia representam poderes (ver livro de Daniel), ao estarem associados ao Cordeiro e ao número sete, falam-nos de Jesus como o todo-poderoso. Ele é aquele que foi morto, mas também tem todo o poder. Jesus é a figura central do templo.

A seguir, um grande impasse: há um livro selado com sete selos que ninguém, no céu, sobre a terra ou debaixo da terra, possui dignidade suficiente para abrir. Tudo, no entanto, se resolve quando somos informados de que o Leão da tribo de Judá venceu, e com isso adquiriu o direito de abrir o livro. Jesus surge-nos no Apocalipse nas figuras do Leão e do Cordeiro. Ele é o todo-poderoso e também o sacrifício.

Mas o que haveria de tão importante nesse livro selado que somente Jesus foi capaz de abrir? Eu penso que é o rolo da escritura da terra. Com o preço do seu sangue, Jesus readquiriu tudo para Deus. E o fez com dignidade, embora o diabo o tentasse a agir de outra maneira. No deserto, Satanás levou Jesus a um monte muito alto e, depois de lhe mostrar todos os reinos do mundo, disse: *“Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser. Portanto, se prostrado me adorares, tudo será teu”* (Lc 4.6-7).

Evidentemente, essa oferta não passava de uma grande mentira, pois se Jesus se prostrasse diante de Satanás, ele perderia tudo. Jesus rechaçou a tentação, citando as Escrituras: *“Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto”* (v.8). Jesus escolheu esse caminho, o da obediência, e, por meio da cruz, recebeu toda a autoridade sobre toda a criação.

Nós temos um quadro profético dessa vitória final em Daniel. O Filho do Homem (Jesus) é introduzido na presença

do Ancião de Dias (Deus Pai) e deste recebe “domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído” (Dn 7.14). Vemos, aqui, o Messias adquirindo autoridade sobre todas as coisas, depois de ter se sacrificado e oferecido o próprio sangue. Ele venceu Satanás porque se dispôs a morrer por nossos pecados. É por isso que ninguém, exceto ele, tem o direito de abrir o rolo.

### **A abertura dos primeiros selos**

Jesus recebe o livro das mãos de Deus e, então, o início do processo de abertura dos sete selos dá origem a todo o drama do Apocalipse, com os acontecimentos e as pragas que sobre-vêm à terra. Em minha opinião, há uma relação entre a abertura do primeiro selo e todos os demais.

Vejamos. “Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse voz de trovão: *Vem! Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer*” (Ap 6.1-2).

Algumas pessoas acham que esse cavaleiro é Jesus. Nada mais errado. Trata-se de alguma nação ou poder aqui na terra, conforme nos sugere a coroa que lhe foi dada. Além da coroa, há um arco em suas mãos. Sem a pretensão de ter a interpretação final, eu penso que esse poder do mal, que abre a porta para todos os outros selos do mal, representa o islamismo.

Há, portanto, uma ligação com Ismael, de quem os árabes, em sua maioria islâmicos, descendem. Quando se refere a Ismael, o livro de Gênesis diz que “*ele será, entre os homens, como um jumento selvagem; a sua mão será contra todos (...)*” (Gn 16.12). Em outra menção, vemos que ele se tornou um flecheiro (Gn 21.20). Os acontecimentos contemporâneos mostram como

o islamismo tem crescido e se infiltrado em toda a Europa. As pessoas ficam acuadas, com medo de se pronunciarem contra o Islã e serem tidas como intolerantes. Porém, quando alguém lê um pouco do Alcorão, descobre que seus seguidores pretendem conquistar a terra e não terão escrúpulo algum em matar e destruir todos os infiéis que se opuserem a esse objetivo.

O surgimento desse primeiro cavaleiro abre a porta para a vinda dos demais, todos eles trazendo pragas consigo (Ap 6.3-8). Deus permite a atuação dessas forças do mal como instrumento de juízo sobre a terra. Com a abertura do quinto selo, ouvem-se as vozes dos mártires, aqueles que foram mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que sustentavam: *“Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”* (Ap 6.10).

É verdade que sempre houve mártires na história, mas, no tempo presente, o número dos que têm sido mortos em razão de sua fé em Jesus aumenta consideravelmente, em grande medida como consequência de ações radicais islâmicas. Debaixo do altar, as almas dos mártires clamam por justiça. Em resposta, todos recebem roupas brancas e a orientação de aguardarem até que se complete o número de seus conservos e irmãos que também serão igualmente mortos (v.11).

Os que perseveraram em sua fé até o último momento honram grandemente a Deus. A Igreja tem sido construída sobre o sangue desses mártires. Uma atitude de prontidão para dar a vida e ser fiel até o fim é necessária, mas não se suporta todo tipo de tortura infligido pelo inimigo sem a graça de Deus. Faltando-nos esse poder sobrenatural, não é possível tal perseverança nem uma determinação para o martírio.

Como se pode ver, o cenário dos últimos tempos é bem dramático, mas Jesus, nunca nos esqueçamos, está com a escritura da terra em suas mãos e, no fim, ele vai reinar sobre tudo.

### **O sexto selo é aberto: as primícias de Israel e uma multidão das nações**

O sexto selo, então, é aberto e, pela primeira vez, vemos algo cósmico vindo do céu: um grande terremoto sacode a terra. Segue-se uma pausa nos flagelos até que os anjos selem na frente os servos de Deus (Ap 7). Temos, então, os primeiros frutos de Israel, aqueles que a Bíblia chama de os “cento e quarenta e quatro mil”. Estes são as primícias de Israel, prenunciando os frutos abundantes que virão. Os cento e quarenta e quatro mil são mencionados duas vezes no livro do Apocalipse: no capítulo 7, que nos mostra *quem* eles são, e no capítulo 14, que nos descreve *como* eles são.

O capítulo 7 apresenta-os como pertencendo às doze tribos de Israel. É nesse ponto que o número doze aparece no livro do Apocalipse. Doze aponta tanto para a plenitude das tribos de Israel, por causa dos doze filhos de Jacó, quanto para a plenitude da Igreja, representada pelos doze apóstolos. O selo de Deus na frente dos cento e quarenta e quatro mil significa que o diabo não pode atingi-los. Eles são propriedade do Senhor.

O capítulo 14, por sua vez, ocupa-se de descrever como são interiormente esses cento e quarenta e quatro mil. Castidade, pureza e ausência de mentira em sua boca os caracterizam. Eles entoam um cântico que ninguém mais é capaz de aprender: o cântico do casamento. São pessoas muito especiais, os primeiros frutos, que farão muitos seguidores entre os judeus.

Mas algo está acontecendo também nas nações: “*Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de*

*todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação” (Ap 7.9-10).*

Vemos, aqui, as primícias de Israel e uma multidão das nações. Judeus e gentios estão no centro do mover de Deus nos últimos dias. A explicação sobre quem são esses gentios incontáveis que João vê vestidos de branco é fornecida por um dos anciãos da sala do trono: *“São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Ap 7.14-17).*

Existem muitos ensinamentos sobre arrebatamento circulando na Igreja atualmente. Com base neles, os cristãos vieram a acreditar que não passarão pela grande tribulação, pois serão arrebatados antes disso. Creem também que Israel não terá a mesma sorte e experimentará esse tempo de extrema provação.

O texto de Apocalipse, no entanto, confronta esse ensino. A grande multidão vem da tribulação. Muitos dentre estes, inclusive, tiveram que oferecer suas vidas. No mesmo contexto, vemos o Cordeiro conduzindo essas pessoas para as fontes da água da vida, como uma recompensa por tudo o que passaram em nome de sua fé. E mais: Deus mesmo lhes enxugará dos olhos toda lágrima. Isso fala do consolo que, enfim, receberão, depois de todo o sofrimento experimentado.

Muitos cristãos se recusam a entender que o caminho para a glória passa pelo sofrimento. E fogem disso a todo

instante, argumentando que se Jesus atravessou o sofrimento, foi justamente para poupá-los de terem que fazer o mesmo. Não é o que vemos nas Escrituras. Como discípulos de Jesus, nós o seguimos em todos os seus caminhos. Ele prometeu nos proteger, mas não que nos pouparia de passar por aflições.

O capítulo 14 apresenta um quadro semelhante ao que vimos no capítulo 7 sobre as primícias dos judeus e a multidão dos gentios: depois de caracterizar os cento e quarenta e quatro mil, descreve um anjo pregando o Evangelho para todas as nações da terra (Ap 14.6-7). Particularmente, penso que esses cento e quarenta e quatro mil poderão estar envolvidos numa evangelização mundial que vai produzir a grande colheita descrita nos capítulos 7 e 14.

### **O último selo: sete anjos, sete trombetas, sete trovões e a vitória final de Cristo**

Chegamos, então, ao capítulo 8, em que, após o sétimo selo ser aberto, sete anjos recebem sete trombetas e se preparam para tocá-las. Onde mais na Bíblia vemos algo semelhante? Na história da queda das muralhas de Jericó (Js 6), em que sete sacerdotes iam adiante da arca da aliança, cada qual tocando uma trombeta. Durante seis dias, juntamente com o povo, rodearam a cidade uma vez. No sétimo dia, a estratégia era dar sete voltas ao redor de Jericó. Na sétima volta, quando os sacerdotes tocavam as trombetas, o povo, a um sinal de Josué, deu um grande brado e viu as muralhas vindo abaixo. Há um paralelo entre os sete anjos com sete trombetas de Apocalipse e a história da tomada de Jericó: num e noutro caso, temos o anúncio e a liberação da ação vitoriosa de Deus sobre os inimigos.

Vejamos dois aspectos importantes relacionados ao sétimo anjo, começando por Apocalipse 10.7: “*mas, nos dias da*

*voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas”. Qual seria esse grande mistério, completado um pouco antes do toque da sétima trombeta?*

A resposta parece estar em Apocalipse 10.1-2: *“Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra”.*

Este é um anjo muito especial, cheio da glória de Deus. Sua caracterização se assemelha à de Jesus, descrita no capítulo 1. Ele tem na mão um livrinho e, ao descer do céu, põe o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra, significando que ele traz uma mensagem e esta se destina a todo o planeta. O anjo brada em grande voz, como a de leão.

O profeta Amós faz uma relação entre o rugido do leão e a revelação dos mistérios de Deus aos seus servos, os profetas (Am 3.7-8). O anjo está prestes a revelar um mistério para João, e então entram em cena os sete trovões, que estão estreitamente relacionados com esse mistério. João, no entanto, é proibido de divulgar o que ouviu dos trovões: *“Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram e não as escrevas”* (Ap 10.4).

Minha interpretação pessoal sobre o conteúdo desse segredo e sua não divulgação é a seguinte: Deus falou com João sobre como irá preparar e reunir a noiva do Cordeiro, mas pediu-lhe sigilo para que o diabo ignore esses planos e, assim, não tenha como impedi-los. Não sabemos como Deus vai agir, mas essa preparação está em curso e será finalizada antes do toque da sétima trombeta. Estando a noiva devidamente



ataviada, acontecerá a ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19.7-10), logo antes da derrota do anticristo e do início do milênio (Ap 19.19-21; 20.1-6).

Mas voltemos ao sétimo anjo: *“O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”* (Ap 11.15). Com o soar da sétima trombeta, todos os juízos divinos cessam, e o reino de Deus finalmente vem em sua plenitude. Os sete anjos, e principalmente o sétimo anjo, nos levam até a segunda vinda de Cristo.

A maioria dos acontecimentos que João relata após esse versículo, na continuidade do livro, acontece cronologicamente antes de o sétimo anjo tocar a trombeta. O grande objetivo, que nós vemos atingido em Apocalipse 11.15, é o estabelecimento do reino de Cristo.

## **A casa de Deus de acordo com o padrão de Deus**

Ainda antes da vinda do reino, vemos João recebendo uma vara para medir: *“Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram”* (Ap 11.1). Quando a Bíblia fala sobre medidas e sobre utilizar uma vara para medir, está chamando a atenção para algo que é construído de acordo com o padrão divino.

É o que vemos, por exemplo, quando o templo de Deus, mostrado em visão ao profeta Ezequiel, é medido (Ez 40-47) para que o povo conheça o modelo (Ez 43.10). Nós somos chamados o templo do Deus vivo, que é o lugar em que Deus mora. Pensamos equivocadamente na Igreja como sendo nossa igreja, mas ela é a casa de Deus. A casa vai ser construída de tal forma que Deus possa reinar a partir dela. Eu creio

que o santuário referido no início de Apocalipse 11 é uma nova figura da noiva de Cristo como templo do Deus vivo. E a João é pedido que meça o templo que foi construído de acordo com o padrão divino.

O texto prossegue: *“Mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calçarão aos pés a cidade santa”* (Ap 11.2). No Velho Testamento, no átrio do templo de Salomão, onde os sacerdotes ministravam, havia o mar de bronze para as purificações e o altar dos sacrifícios. Como parte do complexo do templo, havia, ainda, um grande átrio exterior, que equivaleria ao átrio que o anjo pede a João para não medir.

O significado, aqui em Apocalipse, é que esses domínios não estão de acordo com o padrão divino. Foram entregues às nações, que pisarão a cidade santa por um período de tempo. O livro do profeta Zacarias, nos capítulos 12 a 14, mostra as nações vindo contra Jerusalém. Esse ajuntamento incluirá a igreja decaída que, à época do cumprimento dos eventos mencionados em Zacarias e Apocalipse, provavelmente fará parte de um movimento religioso mundial para o qual o mundo rapidamente se encaminha.

No fim, haverá uma ofensiva das nações contra Jerusalém, que, como temos dito, representa a cidade do grande Rei. E nesse capítulo 11, Jerusalém, a cidade santa, é chamada de Sodoma e Egito. Parece uma contradição. Embora, em última análise, seja a cidade santa, no fim se comportará como Sodoma e Egito. Sodoma, na Bíblia, é muito ligada ao pecado de homossexualismo, e o Egito tem a ver com escravidão, sobretudo escravidão religiosa. Esses dois aspectos estarão na cidade de Jerusalém, segundo o Apocalipse.

## **As duas oliveiras e sua mensagem de arrependimento**

No mesmo capítulo, somos apresentados aos dois profetas, também chamados de “as duas oliveiras”, o que nos leva a Zacarias 4, onde lemos sobre o azeite que é derramado no candelabro de ouro pelos dois raminhos de oliveira, um à direita e outro à esquerda do candelabro. A visão de Zacarias, do candelabro sendo aceso, aponta profeticamente para a restauração do povo de Deus.

Porém, o candelabro somente poderá ser aceso quando o templo for completado. Esses dois profetas são ligados ao templo, portanto à noiva de Cristo. Eles profetizam vestidos de pano de saco, o que significa que têm uma mensagem de arrependimento para compartilhar. Muito provavelmente em razão dos recursos midiáticos, eles serão conhecidos em toda a terra. As nações vão se opor fortemente a eles. Eles serão odiados e perseguidos e, quando se cumprir o tempo de seu ministério, que é de três anos e meio, serão mortos.

As opiniões se dividem sobre quem são os dois profetas. A maioria diz que são Moisés e Elias ou Moisés e Enoque. Eu penso que são mais semelhantes a Moisés e Arão, porque Moisés e Arão foram os instrumentos de Deus para tirar o povo do Egito e levá-lo para a liberdade, para um relacionamento de aliança com Deus.

O povo de Deus ainda está no cativeiro. Enquanto permanecemos divididos, continuamos no cativeiro – um cativeiro semelhante àquele da Babilônia, porque ainda não entramos na liberdade de manifestar o único povo de Deus, um povo de Deus vivendo em unidade. Eu creio que esses dois profetas são instrumentos divinos para promover o último Êxodo do povo de Deus, que vai levá-lo das divisões ao lugar de liberdade que provém da unidade.

Os inimigos desses profetas não permitem que seus cadáveres sejam sepultados porque desejam que todos vejam sua destruição. No mundo inteiro, alegres com esse evento, as pessoas realizarão festas e enviarão presentes umas às outras. Em que festa dos judeus as pessoas se presenteiam? Na festa de Purim, que passou a ser comemorada anualmente desde o dia em que os judeus obtiveram grande vitória sobre o avanço de seus inimigos, no tempo da rainha Ester (Et 9). Houve muita alegria à ocasião, daí o fato de as pessoas trocarem presentes. Até hoje é uma tradição viva em Israel: no dia do Purim, os judeus enviam presentes uns aos outros.

Em Apocalipse, temos uma espécie de Purim ao avesso, pois a causa da alegria, que faz as pessoas das nações festejarem e trocarem presentes, é a morte dos dois profetas que serviam a Deus e, por isso, eram vistos como inimigos do mundo. Mas depois de três dias e meio, eles são milagrosamente levantados dentre os mortos e sobem a Deus. Nesse momento, há um grande terremoto, e muitas pessoas, aterrorizadas, se arrependem. Parece-me que este é o único lugar no Apocalipse que fala sobre arrependimento.

### **O falso messias, a queda de Babilônia e a ceia das bodas do Cordeiro**

Sobre o restante do livro, procurarei ser conciso. Sucedem, ainda, várias outras pragas e também a manifestação da besta, que é a vinda do anticristo. O anticristo certamente será alguém que atrairá multidões porque surgirá como um tipo de messias, um falso messias.

Isso não deve nos surpreender porque se olharmos a história, veremos o que aconteceu na Alemanha, com a ascensão de Hitler, diante de quem todos esticavam as mãos

e diziam: “Heil”. “Heil” significa salvação. Hitler era visto como salvador do povo alemão e, por muitas pessoas, como um salvador do mundo, embora não passasse de um grande mensageiro de Satanás.

O anticristo será muito pior que Hitler, porém mesmo assim as nações irão segui-lo porque o terreno já estará preparado. Isso está em curso neste momento. No fim, o anticristo subjugará até a própria Babilônia, porque ele pretenderá reinar soberano.

O Apocalipse descreve-nos a queda de Babilônia, a grande meretriz. Na Bíblia, a meretriz remete a algo que passou da pureza à impureza. Babilônia não é só uma figura da igreja caída, mas também um sistema político-econômico-religioso. Finalmente Babilônia é julgada.

Eu creio que o 11 de setembro de 2001 foi um prenúncio da queda de Babilônia. As torres que foram atacadas, conhecidas como *World Trade Center* (Centro Mundial de Comércio), são um símbolo da economia mundial. E elas caíram repentinamente. O mesmo vai acontecer com todas as cidades das nações: todas elas são Babilônia e vão cair. Deus vai permitir que sejam julgadas primeiro pelo anticristo, e depois pelo próprio Senhor.

Imediatamente antes da descrição da derrota do anticristo, temos o grande “Aleluia” nos céus (Ap 19). A ceia das bodas do Cordeiro chegou, e a noiva se preparou. Ela está ataviada de linho fino (Ap 19.7-8) e pode ser apresentada ao noivo sem mácula, nem ruga (Ef 5.27). Há grande alegria no céu porque Deus finalmente atingiu seu objetivo, traçado antes mesmo que o mundo fosse criado: encontrar uma noiva para o Filho, uma noiva parecida com Jesus, para estar ao seu lado, governando juntamente com ele em seu reino.

Lemos, na sequência, sobre a vinda desse reino e sobre a primeira ressurreição, da qual farão parte os mártires, aqueles que deram suas vidas pelo testemunho de Jesus e que reinarão com Cristo por mil anos.

O cumprimento destas coisas se aproxima. Há muitas pessoas pregando uma paz que não virá antes que o Senhor volte. Eu sei disso porque vivo numa região constantemente em conflito, o Oriente Médio. Todo o tipo de tentativa não obtém sucesso. Somente Jesus trará a solução. É por isso que temos que dizer: “Maranata, nosso Senhor vem!”. O grande alvo do livro do Apocalipse é a segunda vinda do Senhor e a intenção de Deus de nos preparar para ela.

## **PERGUNTAS & RESPOSTAS**

com Benjamin Berger

**Os diferentes grupos de judeus messiânicos se relacionam, de alguma maneira, em Israel? E em caso afirmativo, como se dá essa comunhão?**

**BENJAMIN:** Há vários tipos de reunião entre os grupos messiânicos. Uma delas, para comunhão e oração entre alguns líderes desses grupos, acontece a cada duas semanas. Às vezes, há reuniões entre cidades, normalmente num período de crise, quando líderes de vários grupos messiânicos e até de outros grupos se reúnem para orar juntos. E, às vezes, há encontros de três ou quatro dias, que reúnem líderes messiânicos e líderes cristãos árabes.

**Em sua visão, o anticristo já está entre nós ou está sendo preparado?**

**BENJAMIN:** Eu não posso dar nenhuma resposta final, mas é óbvio que o terreno já está sendo preparado com a globalização e com o desenvolvimento rápido da tecnologia eletrônica, um

progresso que nós consideramos maravilhoso. Esses recursos, no entanto, também têm um aspecto negativo que claramente vai ser usado pelo anticristo. Ele terá meios de saber onde todos moram e de vigiar o que estão fazendo. Além disso, toda a filosofia humanista se tornando mais predominante e a rejeição da moralidade piedosa são indícios de que essa preparação está acontecendo muito rapidamente.

### **As Escrituras dizem que todas as nações se voltarão contra Israel. Sob qual pretexto?**

**BENJAMIN:** O pretexto vai ser o de que todos os problemas mundiais se originam nos judeus. Isso não é novidade, mas vem de muito tempo atrás. Não se pode culpar Israel por tudo, nem mesmo pela reunificação de Jerusalém, que é uma pedra de tropeço muito grande, inclusive para muitas igrejas. Algumas delas emitiram uma declaração um tempo atrás chamada “Declaração do Cairo sobre Direitos Humanos Islâmicos”. Numa linguagem muito religiosa, a conclusão dessa declaração é que Jerusalém tem que se tornar capital do Estado Palestino.

### **A história mostrou que as nações que se levantaram contra Israel acabaram desaparecendo. Podemos assumir, então, que, no milênio, haverá apenas a nação de Israel?**

**BENJAMIN:** Não, claro que não. Haverá um remanescente santo, um povo que não vai concordar com o que as nações estão fazendo. Cremos que esse remanescente são os crentes fiéis. As Escrituras dizem (especialmente no final do Apocalipse) que Jesus vai reinar sobre todas as nações e que elas vão entrar pelos portões de Jerusalém. O milênio vai ser algo internacional, pois um grande remanescente, com pessoas de todas as nações, fará parte do reino.



**O que, exatamente, de prático os judeus messiânicos esperam da igreja gentílica, no geral, e da brasileira, em especial?**

**BENJAMIN:** O que nós mais esperamos com nossas viagens, ensinos e tudo o que estamos procurando fazer é que a Igreja, de modo geral, alcance uma compreensão correta do plano de Deus e do papel de Israel nesse plano. E também, de uma forma representativa, que ela se arrependa pelos pecados de sua nação.

**Numa de suas palestras nesta Conferência, o senhor disse que a Moisés não foi permitido ver a face de Deus. Êxodo 24.10-11 diz que alguns de Israel viram a Deus e depois comeram e beberam. Como conciliar essas duas situações?**

**BENJAMIN:** Sim, há esse texto sobre os que subiram ao monte, viram Deus e depois comeram e beberam. Mas não quer dizer que eles viram a face de Deus. A Bíblia cita claramente que Moisés não podia ver a face de Deus (Êx 33.20), então é lógico que outros, que não estavam no nível de Moisés, não viram o rosto de Deus. É uma questão de revelação. Na aliança mosaica, a face de Deus ainda está escondida. Mas, na Nova Aliança, a face de Deus é revelada na face de Jesus. Tudo tem a ver com Jesus.

**Existe a possibilidade de, por meio do sistema formal de ensino em Jerusalém, a palavra de Deus ser ensinada nas escolas, e as crianças aprenderem sobre o Messias?**

**BENJAMIN:** Não existe essa possibilidade porque a nação judaica não aceita Jesus. Mesmo assim, algo especial aconteceu com uma jovem da nossa congregação. Sua professora,

sabendo que ela pertencia a uma família que crê em Jesus, pediu-lhe que compartilhasse seu testemunho diante de várias salas de aula. Enquanto ela fazia isso, a congregação inteira estava em oração. Ela também pôde levar outros jovens cristãos para fazer o mesmo. Isso foi histórico, pois é algo muito raro de acontecer.

### **Sobre a sua origem: a que tribo o senhor pertence?**

**BENJAMIN:** Eu pertenço à tribo de Levi e também sou da casa de Arão, portanto sou sacerdote.

### **O senhor tem alguma visão especial para o Brasil quanto ao plano de Deus?**

**BENJAMIN:** Por vários séculos, o povo hispânico e de fala portuguesa esteve envolvido na Inquisição, que perseguia os judeus. A Inquisição foi algo muito terrível, não só porque torturou e matou judeus, mas porque transmitiu uma imagem totalmente falsa da fé em Jesus. Eu penso que, da parte da Igreja, ainda falta um arrependimento sacerdotal representativo por essas coisas que aconteceram no passado. Quando algo assim acontece, há uma purificação pelo sangue de Jesus e uma liberação dos propósitos de Deus. Em minha opinião, isso ainda precisa acontecer.

### **Explique o que é o movimento “Rumo ao Segundo Concílio de Jerusalém”.**

**BENJAMIN:** Esse é um assunto extenso. Houve um primeiro concílio em Jerusalém, no primeiro século, descrito em Atos 15, para que se decidisse como proceder em relação aos gentios. O Evangelho deveria ser pregado também a eles? E se o Evangelho fosse pregado e eles se convertessem, acaso

deveriam seguir o judaísmo? Se a resposta fosse não, como, então, eles deveriam viver?

Os apóstolos chegaram à conclusão de que o Evangelho deveria ser pregado aos gentios e estes, aceitando a fé, não precisariam seguir os costumes judaicos. Ordenaram-lhes apenas que não comessem nada sufocado, não bebessem sangue e fugissem das relações sexuais ilícitas. E, é claro, deveriam ser batizados.

Essas eram as condições desse primeiro concílio de Jerusalém, e acreditava-se que haveria unidade entre judeus e gentios apesar de suas diferentes maneiras de viver. No entanto, na história da Igreja, à medida que a divisão entre judeus e gentios aumentou, os judeus que vinham a crer em Jesus, antes que pudessem ser batizados, tinham que renunciar a tudo o que dizia respeito a sua herança judaica. Por sua vez, os gentios que tentavam praticar qualquer rito judaico eram considerados hereges. Juntamente com isso, surgiu a teologia da substituição, que dizia não haver mais propósito de Deus para Israel. A igreja dos gentios assumia o seu lugar como o novo povo de Deus.

Tendo em vista esse histórico, a ideia do Segundo Concílio de Jerusalém é, inversamente à do primeiro, que a igreja dos gentios reconheça os judeus que creem em Jesus como parte importante da Igreja e os receba de volta sem, no entanto, impor a eles que abandonem seus costumes judaicos. Para isso, será preciso um grande arrependimento pelas coisas que aconteceram ao longo da história.

Mas se algum dia vai haver, de fato, esse concílio, é uma boa pergunta. Enquanto isso, nós, judeus messiânicos, estamos no processo de falar com todas as diferentes partes do Corpo de Cristo, o que também pode contribuir para a unidade

de todos os cristãos. Afinal, não há nenhum segmento da igreja que possa pretextar não ter qualquer tipo de ligação com a primeira igreja. Tudo começou com a primeira igreja, de onde partiram os apóstolos judeus levando o Evangelho às nações. Portanto, todas as diferentes partes da igreja têm a ver com a primeira igreja, que era constituída de judeus messiânicos.

### **Os judeus messiânicos têm dificuldade em ser chamados de cristãos?**

**BENJAMIN:** Primeiro, é preciso entender que o termo “messiânico” é o equivalente, em hebraico, à palavra “cristão”. Porém, especialmente em relação ao povo judeu, nós não usamos essa palavra. Se alguém disser que se tornou cristão, não será mais considerado judeu, e o que tem para dizer não será ouvido. Apresentando-se, no entanto, como messiânico, isso não soará tão estranho para os judeus, uma vez que eles creem na vinda do Messias.

Torna-se, então, um pouco mais fácil sermos ouvidos porque os judeus, nesse caso, entendem que nós nos vemos como parte do povo do Israel. Oficialmente, de acordo com as leis do país, os messiânicos não são considerados parte do povo de Israel. Se alguém vem de fora e pretende ser considerado cidadão israelense, não conseguirá cidadania se os judeus souberem que essa pessoa crê em Jesus. É assim que as coisas funcionam por lá.

Nós temos um chamamento para inserir Jesus novamente no povo judaico, o que inclui nos apresentarmos como cidadãos de Israel, que cumprem todas as funções da comunidade. Somente dessa forma, com muita paciência, o caminho será preparado para Jesus poder voltar para o seu povo. É por isso que usamos o termo “messiânico”.

## A COISA NOVA NOVAMENTE IRRIGANDO A TERRA

por **Maurício Bronzatto**

Assim diz o Senhor, o que outrora preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas, uma vereda (...) Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz; porventura, não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto e rios, no ermo. (Is 43.16, 18-19)

Quando ouvimos Deus dizendo por boca de Isaías que fará *coisa nova*, somos levados a pensar, considerando a lógica dessa afirmação, que o novo é uma resposta divina a alguma coisa anterior que ficou velha, que não deu certo. Ou seja, Deus tinha um plano, implementou esse plano, conservava expectativas de que o plano funcionasse, mas isso não aconteceu, e ele precisou pensar numa outra estratégia.

Sim, é verdade que inúmeras vezes na história as coisas não saíram como Deus pretendia, mas não porque ele tenha planejado errado ou ainda esteja, na base de tentativas e erros, à procura de algo que venha, enfim, ser reconhecido como a versão definitiva de seu plano. O novo de Deus não perece,

não se corrompe nem envelhece. Repetidamente inaugurado, o novo de Deus, na verdade, é re-novo. Trata-se de uma reedição do plano original que nunca perde o frescor da eternidade. Basta nos lembrarmos do anjo de Apocalipse 14.6 carregando “um evangelho eterno para pregar” e reconheceremos a estabilidade daquilo que Deus espera compartilhar com a criação. Ele segue tendo uma boa notícia para anunciar, que nunca fica velha ou desatualizada, embora o homem tenha se especializado em transformá-la em má notícia, quando a distorce, faz emendas nela ou tenta controlá-la. É o homem, portanto, quem perde o novo.

### **Um caminho no meio do mar**

Isaías 43 é uma reafirmação do plano imutável de Deus que o Éden nos apresenta em primeira mão. Em meio ao caos da terra toda, Deus tem um plano piloto, um laboratório. Tudo começa num jardim, um recanto de intimidades, porque a Trindade anseia por comunhão e por compartilhar os seus segredos. É assim, não por força nem por poder, que Deus, enquanto jardina o coração do homem e este se multiplica, prepara-se para encher a terra com o conhecimento da Sua glória. E isso se dará, segundo o profeta Habacuque (2.14), “*como as águas cobrem o mar*”.

Outrora Deus “preparou um caminho no mar”, diz Isaías. Não temos dificuldade em localizar nessa menção o evento histórico da passagem dos antigos hebreus pelo mar Vermelho à ocasião de sua saída do Egito. Mas talvez tenhamos que nos esforçar para enxergar nesse mesmo episódio uma carga enorme de profecia: Deus vem lembrar a Israel, essa faixa estreita de terra em meio às águas impetuosas das nações, sua real vocação: ser “*propriedade peculiar [do Senhor] dentre todos os povos*” (Êx 19.5-6).

Deus não esperava nada menos que isto: Israel, um povo no meio dos demais povos, deveria existir como um caminho orgânico, movente, vivo. Um caminho que testemunhasse ao planeta a aliança de amor e justiça firmada com o Deus do jardim, e incluísse nesta aliança outros até então à margem deste caminho de graça e novidade.

Lamentavelmente, no entanto, coisa contrária aconteceu: Israel só compreendeu uma das implicações do “dentre todos os povos”, a parte que dizia respeito a ser apartado, não misturado às práticas pecaminosas que via ao redor. E mesmo nesse aspecto, seu entendimento foi equivocado: ninguém se torna separado, no sentido de Êxodo 19.5-6, apenas se apartando do erro e do mal, ainda que uma tábua de ordenanças explicita o que sejam esse erro e esse mal. O que torna um povo separado é o fato de Deus andar no meio dele (Êx 33.16).

E o que se viu, na história de Israel, foi um povo de dura cerviz agindo com independência em relação ao Deus da aliança. Sem Deus como realidade viva, e pior, reduzido a uma tábua de mandamentos, o caminho rapidamente se transformou em estrada pavimentada, cristalizada, enrijecida e perdeu sua relevância profética em meio ao mar encapelado do paganismo. Se Deus tivesse encontrado espaço em Israel, este compreenderia o anseio divino por se revelar aos gentios. Teria compreendido, portanto, que “dentre” é também no meio, envolvido, comprometido. O exclusivismo judaico frustrou os planos divinos.

### **Um rio no meio do deserto**

Mas, como foi dito, o *novo* de Deus não perde o vigor. Desse lado da aliança, sempre haverá *coisa nova* regando permanentemente a terra. Se Israel se extraviou do plano original,

Deus, por sua vez, se manteve estável. Se Israel não incluiu, Deus incluiu. Ele reedita o novo: põe um caminho no deserto, rios no ermo. Em outras palavras, Deus coloca novamente o caminho para andar. Deus umedece o caminho, com a intenção de torná-lo movente outra vez. O caminho se desertificou ao se recusar a incluir os gentios, e então Deus fez dos gentios um rio para regar o ermo em que se transformara Israel. Deus trouxe os gentios para dentro de Israel.

A *coisa nova* que está saindo à luz (Is 43.19) é a entrada dos gentios, os ramos da oliveira brava, na boa oliveira (Rm 11). Segundo Paulo, os gentios são esse rio que corre “em meio deles [dos judeus]” (Rm 11.17), mas tendo como base o leito do propósito original de Deus: a raiz e a seiva da oliveira. Desde então, tudo se fará com os gentios, mas nada sem Israel.

A descida do Espírito Santo em Pentecostes (At 2) marca um tempo bastante promissor na revitalização do caminho. O jardim em meio a uma terra cheia de cardos e abrolhos ou a faixa estreita de terra margeada pelas águas revoltas das nações pagãs estão novamente em operação. Aliás, é como *O Caminho* que a igreja judaico-gentílica passa a ser reconhecida enquanto se movimenta com graça pelo mundo conhecido do primeiro século para testemunhar as boas-novas (At 9.2; 19.23; 22.4; 24.14).

Dia a dia o caminho vai sendo alargado, à medida que, como novidade de Deus, atrai pessoas ávidas de respostas e sentido para a vida. É curioso como aqueles que observavam a vida jorrando daquela comunidade de pessoas não conseguiam, por ora, etiquetá-la, classificá-la, reduzi-la a esta ou àquela terminologia. Não havia forma definida, padrão, métodos reproduzíveis, liturgia fossilizada. Havia vida, e esta se parecia com um caminho orgânico, movente, indomável, à prova de controle humano ou institucionalização.



Mas essa *coisa nova* se corrompe bem rapidamente. Começa tendo problemas para regar o deserto em que se tinha transformado Israel. Só precisamos perguntar onde foram parar os judeus, que não vemos mais presentes neste caminho a partir do segundo século, para constatar que alguma coisa de errado estava acontecendo. Mal havia deixado Jerusalém, o caminho judaico-gentílico se tornara somente gentílico. O organismo vivo depressa vira instituição. O caminho acaba usurpado por líderes controladores. Como resultado, denominações, ministérios, eventos e estratégias se tornam mais importantes que o Corpo de Cristo. Segue-se uma história de partidos e divisões, o que enfraquece, e muito, o testemunho vivo de Jesus na terra.

Israel falhou. E a igreja também. O mar no meio do caminho falhou tanto quanto o caminho no meio do mar havia falhado. É preciso, no entanto, observar que Deus nunca ficou sem uma lâmpada acesa, sem “*um remanescente segundo a eleição da graça*” (Rm 11.5). Mas a vocação do caminho, como vimos, não é nada menos que encher a terra com o conhecimento da glória do Senhor, da mesma forma que as águas cobrem o mar. É mais que um jardim, mais que uma faixa estreita de terra no meio do mar, mais que um rio no ermo.

### **O que é ser jardim, caminho no meio do mar ou rio no deserto**

Antes de dizer como esta história acaba, já que hoje ainda vivemos o tempo do fracasso duplo de Israel e da Igreja – pelo menos quanto a uma expressão mais abrangente e impactante de sua peregrinação na terra –, gostaria de fazer um pequeno parêntese para pensar como se concretiza a vocação do caminho. Para isso, empresto as palavras do Salmo 84.5-6: “*Bem-aventurado o homem cuja força está em ti, em cujo coração se*

*encontram os caminhos aplanados, o qual, passando pelo vale árido, faz dele um manancial; de bênçãos o cobre a primeira chuva”.*

Temos aqui o mesmo princípio que vemos no jardim do Éden: Deus coloca o homem naquele lugar para cultivar o espaço, e isso é somente um pretexto para que o próprio Deus cultive o coração do homem. E esse cultivo se dá com base em relacionamento. A Trindade conquista espaço de amizade e doação no coração do homem para assim se fazer representar na tarefa que o homem tem a desempenhar: sujeitar a terra ao senhorio de Deus não com poder ou controle, mas com serviço.

A força de que o Salmo 84 fala não tem a ver com poder, mas com o coração submetido em amor. Ter no coração os caminhos aplanados: é disso que vem a força para cumprir a missão. O texto do Salmo nos ajuda a compreender que as veredas que Deus faz na história são primeiramente abertas em nós. A obra de Deus somos nós. O caminho são pessoas. Somos a seara, e Deus é o trabalhador. Somos o deserto, e ele é o rio de novidade que corre nesse ermo e o umedece, o quebranta. Ter o coração jardinado, aplanado significa vê-lo livre dos abismos do pessimismo, da incredulidade, da auto-depreciação, da autopiedade, da reclamação crônica. Igualmente, é vê-lo livre das alturas da presunção, da autossuficiência, da soberba, da competição, da vaidade.

Sem alturas nem abismos, a alma, como a da criança desmamada aconchegada nos braços de sua mãe, se aquieta (Sl 131.2). Com o coração jardinado, somos capazes de enxergar para além de nós e, então, irrigar os lugares áridos onde estamos estabelecidos. Seja individual ou coletivamente, tornamo-nos boa notícia – o Evangelho mesmo – nos lugares em que nossa peregrinação acontece. Podemos irrigar a aridez

da nossa família, parentela, vizinhança, amizades, espaços de trabalho e conferir algum sabor àquilo que se tornou insosso, insípido (Mt 5.13).

Tornamo-nos um testemunho para a sociedade, para a nossa geração. Espraiamos sentido para aqueles que estão à míngua à procura de algum. Tornamo-nos alternativa ao tédio contemporâneo, ao deserto das distrações, à alienação da vida egocêntrica, à efemeridade das satisfações proporcionadas pelo consumo, ao alvoroço que a indústria do entretenimento provoca, à cultura do prazer, ao individualismo e à competitividade predatória. Como curadores feridos, pessoas que trazem em seu corpo as marcas da cruz (Gl 6.17), oferecemos sombra ao cansado, salvação ao perdido, um lugar em que se sentar para ter os pés lavados e, com isso, aprender o caminho alegre e libertador do serviço.

Os do caminho, quando têm o coração jardinado, não passam despercebidos (At 17.6). Sua forma de viver produz, no mínimo, uma inquietação, um desequilíbrio naquilo que estava organizado e equilibrado. Com seu estilo de vida, os do caminho suavemente confrontam, geram perguntas, desestabilizam as certezas de pedra.

### **A volta dos ramos naturais à oliveira**

Israel falhou e a Igreja também. Em vez de sermos caminho, coisa nova, tornamo-nos estrada pavimentada, museu religioso. Mas há um futuro promissor nos aguardando.

De acordo com o capítulo 11 de Romanos, Israel, os ramos naturais, vai voltar para a oliveira e se reencontrar com os ramos enxertados. E todo o Israel (o natural e o não natural) será salvo (Rm 11.26). Isso já está acontecendo, mas será ainda mais intenso nos dias vindouros, aqueles que precedem a

volta de Jesus. Nós, gentios, precisamos dessa providência porque, como ramos enxertados, estamos perdendo a vida, estamos murchando. Encontramo-nos sob uma babel de ênfases, interpretações, distorções e vozes contrárias, enquanto o Corpo de Jesus Cristo continua fragmentado. Com a volta de Israel à oliveira, e somente com ela, haverá vida dentre os mortos (Rm 11.12,15).

Creio que isso se dará em dois níveis: o imediato, com um avivamento sem precedentes, em que experimentaremos Deus injetando vida e espantando o marasmo religioso em que nós, gentios, nos metemos (Hc 3.2), e também o nível escatológico, com a consumação do plano de Deus que incluirá a ressurreição dentre os mortos. Com o restabelecimento de Israel à oliveira, haverá riqueza ainda maior para o mundo do que a reconciliação que teve ocasião com a apostasia dos judeus. Serão dias que muitos profetas e reis quiseram ver e não viram (Lc 10.24).

É tempo de deixarmos de arrastar teologias antigas como correntes: Deus não tem dois planos separados, um para Israel e outro para a Igreja. Compreender que há somente uma oliveira, e que será nela que judeus e gentios estarão vivendo em unidade, é fundamental para a preparação da noiva de Cristo para as bodas que se aproximam.

Nós, gentios, precisamos da contribuição do Israel messiânico para sermos vivificados. Chegamos a um beco sem saída em nossas divisões e misturas religiosas, e não conseguiremos ser despertados sem ajuda dos judeus. A volta dos ramos naturais nos trará uma revelação superior do Messias e uma compreensão mais apurada do plano de Deus, sobretudo quanto à sua consumação nestes dias do fim. Os dons e a vocação de Israel, cuja origem recua aos patriarcas (Rm 11.28), seu

significado de povo eleito de Deus, entre outras riquezas, nos trarão um sentido mais completo de unidade e reino, e isso será fundamental para nos preparar para receber o Messias e governar com ele.

### **O papel da igreja gentilica: ser Betesda de fato**

Mas a Igreja também tem um papel fundamental a cumprir neste tempo escatológico. A volta de Israel à oliveira depende, em grande medida, de como a Igreja se comporta. Romanos 11.30-31 diz que Israel alcançará misericórdia à vista da que nos foi concedida, a nós gentios. Em outras palavras, eles precisarão ver que a misericórdia é uma realidade, não um discurso, entre nós. Seremos conhecidos como discípulos, conforme antecipou Jesus, se tivermos amor ardente uns pelos outros (Jo 13.35), se formos curados das nossas divisões e particularismos.

Precisamos, portanto, nos relacionar com Deus e uns com os outros, em amor. Esse é o caminho. Não se trata de um movimento que acontece fora de nós e fora de um relacionamento. Deus não vai atender orações que lhe implorem o favor de colocar novamente o caminho para percorrer o planeta. Não é de uma dispensação de poder que precisamos. Precisamos de um relacionamento com Deus e uns com os outros. Reitero: este é o caminho.

Evento profético significativo da restauração do lugar onde Deus coloca o seu nome (Dt 12.10-11), a reedificação dos muros de Jerusalém nos dias de Neemias (Ne 3) começa pela Porta das Ovelhas. Há uma mensagem no fato de a restauração começar pela Porta das Ovelhas. Isso nos remete aos vínculos, à pessoalidade. Deus está interessado em pessoas porque o caminho vivo que transporta o seu testemunho pela

terra é constituído de pessoas em quem ele encontrou espaço de aliança e misericórdia. É em pessoas que Deus coloca o seu nome, o mesmo que um dia já esteve no templo de Salomão em Jerusalém.

O nome de Deus diz respeito à sua natureza, ao seu caráter, à sua essência. Temos uma revelação disso quando ele mesmo proclama seu nome a Moisés, em Êxodo 34.6-7. Nessa revelação, é central a palavra hebraica *chesed*, às vezes traduzida como misericórdia, outras como benignidade, bondade e até mesmo amor. *Chesed* significa amor, porém num sentido mais estrito de amor de aliança. Não denota simplesmente apego, afeição e tolerância, sentimentos normalmente ligados ao amor incondicional, que o Novo Testamento diz que Deus derrama sobre justos e injustos, sem qualquer exigência de correspondência. Mas também não significa um mero compromisso ou obediência, disposições interiores que normalmente comparecem na manutenção de uma aliança. Trata-se, antes, de graça e bondade ofertadas que geram uma resposta de devoção apaixonada em quem as recebe.

*Chesed* é um aspecto fundamental de quem Deus é. Deus procura vínculos duradouros de aliança. Ele quer amigos para andar com ele, a quem possa revelar sua intimidade, seus segredos e, assim, fazer seus propósitos avançarem. (Para saber mais sobre o assunto, indico o livreto “Chesed”, de Christopher Walker, publicado em 2015 pela Impacto Publicações.)

Voltando à Porta das Ovelhas. De acordo com o Evangelho de João, capítulo 5, num certo sábado Jesus entrou por esta porta e dirigiu-se ao tanque de Betesda, que ficava nas imediações. Betesda é normalmente traduzido como “casa da misericórdia”. Sem deixar de incluir a misericórdia, Betesda é mais que isso: do hebraico *bet + chesed*, “casa do amor de aliança”

expressa melhor o conceito dessa composição. Considerando o que Jesus observou ali e o evangelista João nos relata, temos uma grande ironia, pois o que se via no tanque de Betesda era um simulacro de misericórdia ou de aliança, da mesma forma que o templo, embora com aspecto exterior de casa de oração, tinha se transformado num covil de salteadores.

No tanque de Betesda, amontoava-se uma multidão de necessitados – coxos, cegos e paralíticos – esperando um anjo que, de tempos em tempos, colocava as águas em movimento e proporcionava cura somente àquele que suplantasse os demais ao ser o primeiro a ir ao encontro da agitação das águas. Não havia misericórdia ali, tampouco aliança. Havia, sim, competição, falta de solidariedade. Predominava a religião do “cada um por si quando Deus movimentar as águas”. Cada qual estava sozinho. Não havia parcerias. Nem mesmo a condição comum de necessitados conseguia irmanar os doentes que se acotovelavam em redor do tanque disputando os melhores lugares. O nome de Deus não estava nesse lugar. Não em essência. Betesda era somente um simulacro de graça, aliança, misericórdia. Um título destituído de realidade espiritual.

Jesus visita o tanque e encontra-se com um paralítico há 38 anos enfermo e pergunta-lhe se deseja ser curado. A resposta deste homem é uma denúncia da escassez do nome de Deus em Betesda. Uma denúncia de como Deus, deixado do lado de fora, não encontra espaço em pessoas para nelas expressar sua natureza, sua essência. “Eu não tenho ninguém que me ponha no tanque...”, diz o paralítico. “Eu não tenho ninguém!”

Se Deus é, sobretudo, *chessed*, ou seja, um Deus que procura vínculos de aliança, amizade ardente, comunhão duradoura, ele não está sendo representado num lugar que, apesar de se

chamar “casa da misericórdia” ou “casa do amor de aliança”, promove partidos, competição pelo primeiro lugar, solidão, individualismo. É preciso perguntar: Qual o sentido de todo o funcionamento de nossas igrejas se as pessoas seguem sem ninguém que as “ponha no tanque”? De que valem tantos eventos, alguns dos quais pensados para atrair mais pessoas, se o fim dos que chegam alegres e saltitantes será uma posterior constatação de que não têm amigos?

Jesus manda o homem se levantar, tomar o seu leito e andar. Isso causa perplexidade ao redor, afinal eram 38 anos de paralisia. Porém, a maior cura que o tanque de Betesda testemunhou foi a cura da solidão, da falta de vínculos saudáveis e duradouros, da falta de amigos verdadeiros. Esta era a maior necessidade do paralítico, e Jesus foi ao seu encontro.

Esta é, igualmente, a nossa maior necessidade. Uma necessidade que até pessoas sem nenhuma deficiência apresentam. Tal necessidade define o núcleo do nosso ministério como caminho que tem a missão de irrigar a terra: o milagre de curar as pessoas da solidão e do individualismo, incluindo-as na aliança. O milagre de lhes oferecer vínculos fraternos que as salvarão de uma vida sem comunhão, de uma vida sem vida. Eis uma cura que, de antemão, já podemos assumir como infalível: ela nunca deixará de acontecer se o caminho for caminho.

Jesus é o Caminho, conforme ele mesmo diz em João 14.6. Seus amigos também o são: aqueles que nele creem e, por isso, fazem suas obras e outras ainda maiores. As pessoas somente conhecerão o caminho se andarem conosco. O caminho não são informações nem versículos bíblicos, tampouco doutrina, mensagens ou metodologias que fazem as instituições funcionarem. O caminho são pessoas em



cujo coração o Caminho dos caminhos encontrou espaço de amizade, de aliança, de misericórdia.

Israel alcançará misericórdia à vista da que nos foi concedida. É preciso, então, ser Betesda de fato, não um simulacro. Complementarmente, atraído por esse amor de aliança, Israel, à medida que for sendo reenxertado, começará a causar um incêndio no mundo: um avivamento nunca visto. E, com a plenitude de Israel, haverá vida dentre os mortos.

Subsiste ainda hoje sede e fome de novidades em todos os cantos do mundo. Isso se dá porque não há *coisa nova* regando permanentemente a terra. Quando falta o Evangelho (boas-novas), há ansiedade por novidades. Quando falta o caminho, o mercado traz as respostas. Tornemo-nos o povo do caminho, as margens e o leito que Deus estabelecerá para fazer fluir seu rio caudaloso de graça e justiça nestes últimos dias. Os resultados, as Escrituras garantem, excederão nossas maiores expectativas: “(...) *de todos estes te vestirás como de um ornamento e deles te cingirás como noiva. Pois, quanto aos teus lugares desertos e desolados e à tua terra destruída, agora tu, ó Sião, certamente, será estreita demais para os moradores (...)*” (Is 49.18-19).



## A IRREVOGÁVEL ALIANÇA ENTRE DEUS E ISRAEL

por Harold Walker

Quero compartilhar uma verdade que traz uma compreensão integrada do Velho e do Novo Testamentos, bem como de Israel e as nações. Lembremo-nos de que Deus é o Rei de Israel e das nações. Seu propósito em escolher e separar a nação de Abraão não tinha um fim em si mesmo, mas pretendia incluir outras nações. É preciso compreender bem isso para conhecer melhor a Deus.

### **A essência de Deus é *chesed***

Começemos com Moisés. Exceto Jesus, Moisés foi o homem mais próximo a Deus que já existiu. Mais que Davi, mais que Abraão. Se Deus fosse avaliar o quanto as pessoas conseguem agradar-lhe, a nota de Moisés seria algo como 99,99. E, no entanto, esse um centésimo de distância da nota máxima o impediu de entrar na terra prometida. Moisés ficou ressentido com isso e culpou o povo: “(...) o Senhor se indignou contra mim, por vossa causa, e jurou que eu não passaria o Jordão e não entraria na boa terra (...)” (Dt 4.21). Deus, porém, tinha outro

parecer: Moisés e Arão não o haviam santificado diante dos filhos de Israel (Nm 20.12).

Apesar desse deslize, o “currículo” de Moisés era insuperável. Miriã e Arão souberam disso ouvindo o próprio Deus testemunhar: “(...) *se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?*” (Nm 12.6-8).

No final do livro de Deuteronômio, temos uma reafirmação dessa importância de Moisés, quando se diz que nunca mais se levantou um profeta como ele, com quem Deus tivesse tratado face a face (Dt 34.10). Mas sua maior honraria foi ter sido o único homem na Bíblia comparado a Jesus: “*O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás*” (Dt 18.15). No seu evangelho, João coloca Moisés e Jesus lado a lado: por meio do primeiro, recebemos a lei; o segundo nos trouxe a graça e a verdade (Jo 1.17). Hebreus os equipara em fidelidade na casa de Deus: Moisés como servo, Jesus como filho (Hb 3.5-6). Creio não restarem dúvidas sobre o quanto Moisés era próximo a Deus.

A maior experiência de Moisés com Deus teve ocasião quando este ouviu do primeiro o seguinte pedido: “*Rogo-te que me mostres a tua glória*” (Êx 33.18). Isto é incrível, porque se havia alguém que conhecia a Deus como ninguém, essa pessoa era Moisés. Deus, porém, não podia atender a esse pedido de Moisés sem causar-lhe um dano irreversível, afinal homem nenhum seria capaz de ver a face de Deus e continuar vivo (Êx 33.20).

A alternativa foi levá-lo ao limite máximo da revelação de Deus que um ser humano consegue suportar. Tivesse lhe

mostrado uma centelha a mais, e Moisés não teria sobrevivido: *“Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá”* (Êx 33.21-23).

Embora não haja registro do que, exatamente, foi mostrado a Moisés, é certo que ele viu algo que ninguém jamais viu; como prova disso, seu rosto ficou resplandecente (Êx 34.29-35). Não podemos ter nossa curiosidade satisfeita a respeito da manifestação da glória de Deus a Moisés, mas somos informados do ponto central dessa experiência: a revelação de quem Deus é. Mais do que isso: uma revelação da essência de Deus fornecida pelo próprio Deus (Êx 34.5-7).

No centro dessa revelação da natureza de Deus, aparece duas vezes a palavra hebraica *chesed*, de difícil tradução para o português e para outros idiomas. As versões da Bíblia em português a traduzem como bondade, benignidade ou misericórdia: *“Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia (**chesed**) e fidelidade; que guarda a misericórdia (**chesed**) em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado (...)”* (Êx 34.6-7).

Chama a atenção o fato de Deus usar duas vezes essa palavra, ao falar de si, para denotar uma qualidade do seu caráter. Isso ganha ainda mais sentido quando ficamos sabendo que no Antigo Testamento *chesed* aparece 246 vezes, sendo a palavra mais usada para especificar o amor de Deus. *Chesed* refere-se a atos de bondade e amor que têm o objetivo de formar um relacionamento duradouro e recíproco entre aquele que oferece graça e misericórdia e aquele que as recebe. Trata-se de um amor relacionado à aliança (para saber mais, ver o livreto *Chesed*, de Christopher Walker, Impacto Publicações).

Portanto, não vamos conhecer quem Deus é sem compreender *chesed*. A essência de Deus é *chesed*. A Bíblia, como vimos, ensina que ele conserva o seu *chesed* até mil gerações (Êx 34.7).

### **Deus usa de *chesed* com Israel e se revela à humanidade**

É essa revelação da essência de Deus que me leva a uma declaração bem contundente: alguém que não compreende nem sabe valorizar a relação de Deus com Israel não conhece a Deus. Se estamos no nível daqueles que apenas ficam penalizados com a situação de Israel e oram para Deus abençoar esta nação, não entendemos nada do que a Bíblia está dizendo. E o que ela está dizendo é: Deus resolveu se revelar à humanidade através de sua relação com Israel. Ou seja, o que Deus tem com Israel não tem a ver com Israel. Tem a ver com Deus. Israel não é melhor que os outros povos. Eu brinco com as pessoas dizendo que Deus pegou Israel para Cristo. Permitam-me uma ilustração.

Quando morávamos na cidade de Rubiataba GO, vimos as pessoas que negociavam arroz inventarem uma engenhoca para desvelar a malandragem dos produtores. É que estes costumavam esconder o arroz ruim, quebradiço, no fundo das sacas, deixando à vista, na parte de cima, o arroz de boa qualidade. Assim, o comprador introduzia esse dispositivo de forma aleatória nas sacas de arroz e recolhia uma amostra dos grãos que estavam no fundo, podendo, então, se certificar da qualidade do produto.

Deus fez algo similar: tomou aleatoriamente os judeus como amostra para que toda a humanidade ficasse sabendo o que é o homem. Registrou tudo o que esse povo fez, de bom e de ruim, e nos apresentou esse relato na Bíblia. Eles não são piores nem melhores, mas representam a escolha soberana

de Deus ao resolver se revelar por meio deles à humanidade. Quem não respeita isso não conhece a Deus, que usa soberanamente de *chesed* (misericórdia e bondade incalculáveis) com os seus escolhidos ao longo de muitas e muitas gerações.

Isso explica por que ele se deu a conhecer como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Sua bondade e misericórdia não se baseiam em simpatias ou antipatias, mas na manutenção de sua fidelidade e aliança de geração em geração. É dessa forma que ele pretende ser conhecido pela humanidade. Portanto, Israel não é uma questão de Israel, mas uma questão de Deus. E isso traz consequências bem sérias para a nossa maneira de compreender os propósitos de Deus.

O povo de Israel teve início com Abraão, que adorava ídolos. Apesar de seu nome original, Abrão, significar “pai exaltado”, ele não tinha filhos. Deus, então, muda-lhe o nome para Abraão, que quer dizer “pai de uma multidão” (Gn 17.4-5). Essa mudança não tinha em vista apenas a paternidade de Abraão sobre Isaque e Israel, mas se estendia a muitas nações. Quando olhamos para a promessa original de Deus, vemos claramente seu propósito de alcançar todas as nações da terra (Gn 12.1-3; 17.3-7).

Deus nunca quis somente Israel. Ele sempre quis toda a terra. Mas tudo começa com Abraão, de modo que é impossível a alguém ser salvo, ou seja, estar incluído na aliança, e não reconhecer Abraão como pai (Rm 4.11-18; Gl 3.7-9,26-29). Gálatas nos vincula a Cristo, mas também necessariamente a Abraão, de quem descendemos e somos herdeiros segundo a promessa (Gl 3.29). Fica claro que Deus, que tem *chesed*, será constante e coerente até o fim em relação àquilo que prometeu a Abraão. Nem mesmo o seu Filho poderá dispor as coisas de outra maneira. Aliás, Cristo é o meio de uma pessoa que

não tem nada a ver com Abraão passar a ter a fé de Abraão e, com isso, tornar-se também herdeiro da promessa. Abraão é, portanto, pai de todos os salvos, judeus ou não.

### **Deus chama seus filhos de volta para corresponderem ao seu *chesed***

Já ouvimos muito sobre a diferença entre ser filho e criatura. Em certo sentido, existe mesmo uma diferença, porque, em razão do pecado, deixamos a nossa condição original. Biblicamente, porém, toda a humanidade está incluída em Adão. Criado à imagem de Deus, Adão era o projeto de Deus. Quando, porém, Adão escolheu desviar-se de sua vocação, Deus sentiu-se traído e abandonado por seu próprio filho. Desde então, Deus se ocupa de chamar a humanidade de volta a essa filiação. Isso é o que se chama arrependimento, ou seja, voltar para o pai que nós abandonamos. Nesse sentido, Deus considera todos os homens como seus filhos – filhos desviados, que ele resolveu reconduzir de volta para si por meio de um povo especial formado com esse propósito.

Vejamos esse anseio de Deus em alguns textos bíblicos. Oseias 6.6, texto citado por Jesus no Novo Testamento (Mt 9.13; 12.7), diz: “*Pois misericórdia quero, e não sacrifício (...)*”. A palavra hebraica traduzida aqui por misericórdia é *chesed*. O que Deus enfaticamente está dizendo é: “Eu sou misericórdia, eu sou *chesed*, e o que mais procuro é correspondência, reciprocidade (*chesed*) naqueles que formei para serem minha imagem”.

Essa procura apaixonada de Deus me remete a Malaquias 2.16, um texto que me impressiona muito por supô-lo sendo dito de forma contundente por Deus: “Eu odeio o divórcio!”. Com isso, ele está exprimindo que não há nada mais contrário à sua natureza do que fazer uma aliança e depois rompê-la.



Fidelidade a uma aliança é algo tão essencial para Deus que ele não esconde sua satisfação quando vê duas partes honrando esse tipo de compromisso, mesmo que essas partes tenham agido de forma indiferente aos interesses de Deus.

É o caso dos filhos de Jonadabe, que seguiam à risca as prescrições de seu pai sobre nunca beber vinho, lavrar a terra nem edificar casas, mas morar em tendas. Deus toma-os como exemplo de fidelidade para exortar, por meio de Jeremias, os desobedientes moradores de Judá (Jr 35). Deus não tinha nenhuma proibição específica em relação às privações que Jonadabe impôs a sua casa, mas evidenciou diante de todo o povo a manutenção dedicada daquele compromisso assumido, algo que desejava muito encontrar em seu povo. Deus gosta de pessoas que honram alianças. E honrar uma aliança inclui atravessar com fidelidade prometida aqueles momentos difíceis e desinteressantes de um relacionamento.

Jesus, diante da queixa dos judeus sobre sua aparente inobservância do sábado e do descumprimento de algumas tradições, reafirma Oseias 6.6: *“Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos”*. A natureza de Deus, Jesus está lhes dizendo, é *chesed*: Deus quer relacionamento, fidelidade à aliança. Esse é o sacrifício que lhe agrada.

Contudo, por não entenderem isso, *“eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim”* (Os 6.7). Essa é a condição humana. Todos temos uma origem comum, viemos de Adão, estamos, portanto, manchados pelo pecado. Mas, da mesma forma que Adão, somos todos filhos de Deus, o *“Deus dos espíritos de toda a carne”* (Nm 27.16), que nos chama ao arrependimento para que sejamos aquilo para o que fomos criados.

Na mesma direção, Efésios 3.14-15 refere-se ao “Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra”. A família humana é figura da família divina, procede da natureza de Deus e tem como fundamento de sua existência a fidelidade à aliança, o *chesed*. Basta nos lembrarmos do momento mais solene e importante da cerimônia de casamento: os votos dos noivos. A celebração existe para que os noivos façam uma aliança diante de várias testemunhas.

Todos conhecemos de cor as palavras: “... na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza...” Se no casamento só houvesse os aspectos positivos (alegria, saúde, riqueza etc.), a aliança seria dispensável. Mas os reverses estarão presentes, por isso a aliança é tão necessária. Num momento muito feliz, como é o da celebração do casamento, faz-se uma promessa, e esta deverá ser mantida a despeito das crises, dificuldades e dias ruins.

A família nasce em Deus e tem como base o amor e a fidelidade, que devem ser preservados mesmo sob as condições mais adversas e atravessar gerações. A fidelidade em guardar a aliança influencia poderosamente os filhos e os filhos dos filhos.

Podemos, ainda, mencionar Atos 17.22-30, a pregação de Paulo aos gregos, em Atenas. Valendo-se da oportunidade surgida com a observação de um altar dedicado “Ao Deus Desconhecido”, ele disse aos atenienses: “(...) *esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio. (...) nele vivemos, e nos movemos, e existimos (...) Porque dele também somos geração*” (vv. 23,28). E se é assim, continua Paulo, é preciso ficar atento. Embora Deus não tenha, até então, levado em conta os tempos de ignorância das nações, uma vez que estava ocupado tratando com Israel, “*agora,*

*porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam” (v.30).*

Todos sabemos, pelo livro de Zacarias, que o povo de Israel como todo virá a ter uma visão de Jesus e chorará por ele como quem chora amargamente pela perda do primogênito. Ou seja, *“olharão para aquele a quem traspassaram”* (Zc 12.10) e cairão num pranto doloroso pelos longos séculos de rejeição a Jesus. Muitos cristãos gentios olham para Zacarias e sentem um certo alívio por suporem que não precisarão enfrentar uma revelação tão terrível do Senhor. Alguns chegam mesmo a se regozijar com o fato, como se fosse uma paga aos judeus por terem virado as costas ao Messias.

Mas, então, nos deparamos com Apocalipse 1.7: *“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele”*. O que vemos aqui é que Israel não será a única nação a prantear. Todos os povos farão o mesmo. Pode-se perceber um paralelismo entre o que acontece com Israel e o que acontece com as nações. Ora, se vamos fazer parte da mesma oliveira, não podemos ser diferentes. Vamos absorver a mesma seiva e teremos o mesmo pai, Abraão. Logo, participaremos das mesmas experiências.

Prestes a ser enviado ao Egito, Moisés recebe instruções de Deus sobre a maneira como deveria falar a Faraó: *“Dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito”* (Êx 4.22-23). Gostaria de destacar, nesse texto, a primogenitura de Israel. Se Israel é o primogênito de Deus, e não o unigênito, isso significa que esse primogênito vai ter irmãos. Assim, Deus terá outros filhos, e haverá lugar para nós, os gentios. Ainda bem!

## **Antissemitismo: ódio contra Deus e sua escolha soberana**

Dissemos anteriormente que Israel não é uma questão de Israel. Não podemos afirmar o mesmo, por exemplo, em relação ao Brasil. O Brasil é uma questão do Brasil. Já Israel é uma questão de Deus. E isso porque Deus tem uma promessa para Israel e se comprometeu, em razão do seu *chesed*, a ser o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Portanto, não se trata meramente de Deus abençoar ou não Israel. É a honra de Deus que está em jogo. Israel não representa somente Israel. Israel representa Deus. É a maneira como Deus resolveu trabalhar na humanidade.

Talvez isso explique por que existe antissemitismo, que, aliás, é uma palavra equivocada, já que entre os mais encarniçados antissemitas estão os árabes, que também são semitas e, ainda, descendentes de Abraão. E antissemitismo não se restringe aos árabes e aos alemães. Sempre esteve presente na história pela simples razão de que o homem odeia o fato de Deus não fazer licitação. Isto é, ele realiza suas escolhas soberanas e se dá o direito de não explicar por que foram estas e não aquelas. Azar de quem não gostar, pois Deus, ainda por cima, promete abençoar os que abençoarem Israel e amaldiçoar aqueles que o amaldiçoarem (Gn 12.3).

Antes de ser ódio aos judeus, antissemitismo é ódio contra Deus e seus propósitos. Por esse motivo, muitos judeus lamentam o fato de terem nascido judeus e chegam mesmo a boicotar o sionismo. A Segunda Guerra provou essa reação com mais intensidade: frente à perseguição lançada pelos nazistas, que teve o requinte de ir a arquivos médicos e procurar em gerações bem remotas a comprovação da ancestralidade judaica, muitos judeus passaram a encarar sua condição semita como um estigma do qual não conseguiam se livrar. Possuem um destino e não há como fugir: judeu é

sempre judeu, seja praticante, não praticante, ortodoxo ou ultraortodoxo. Por trás de tudo isso, está Deus. É contra ele, em última instância, que o ódio antisemita é dirigido.

## **Não resta escolha a Israel**

Meu irmão, Robert Walker, compartilhou recentemente algo muito interessante sobre as maneiras de comunicar uma ordem. Pode-se, por exemplo, dizer ao filho com brandura: “Filho, faça isso”. Ou, então, com uma voz ríspida e enérgica: “Filho, faça isso!”. Mas pode-se também usar de ameaça: “Filho, se você não fizer isso, eu vou lhe fazer tal e tal coisa!”. Três maneiras: ordem branda, ordem enérgica e ordem com ameaça.

Existe, porém, uma quarta maneira de comunicar a mesma ordem: olhar bem nos olhos e dizer assim: “Filho, você vai fazer isso”. O que temos aqui não é ordem branda, ríspida e tampouco uma ameaça, mas uma espécie de profecia. Lembra um pouco algumas intervenções que eu fazia com minha filha. Antes que ela pudesse responder se gostava disso ou daquilo a alguém que estava lhe consultando, eu me antecipava: “Você gosta”, e ela, então, ficava sabendo naquele momento que gostava de determinada coisa. Eu brinco dizendo que era um exercício de fé: “Você gosta!”.

Israel não tem escolha porque Deus fez uma aliança com Abraão, Isaque e Jacó e, como Deus é *chesed*, não importa o que Israel tenha feito ou o que tenha sofrido: Deus vai reinar sobre a terra usando Israel. Acompanhe a sequência deste texto e decida você mesmo em qual categoria se enquadra o imperativo de Deus para com Israel.

Ele começa jurando: “*Vivo eu, diz o Senhor Deus [é como se dissesse: ‘Esta é a minha natureza, minha vida, eu juro por mim mesmo’]*, certamente com mão forte, e com braço estendido, e

*com indignação derramada, hei de reinar sobre vós” (Ez 20.33). Resta alguma margem de escolha a Israel? Absolutamente nenhuma. Deus prossegue: “E vos tirarei dentre os povos, e vos congregarei dos países nos quais fostes espalhados, com mão forte, e com braço estendido, e com indignação derramada; e vos levarei ao deserto dos povos; e ali face a face entrarei em juízo convosco” (Ez 20.34-35).*

Esse texto profético é um dentre muitos em que Deus interpõe o seu juramento, assegurando que Israel vai retornar à terra e lá cumprirá a lei e será uma nação purificada sobre a qual o Senhor reinará eternamente. A honra de Deus está investida no cumprimento dos seus propósitos com esta nação.

### **Um êxodo ainda mais grandioso**

A festa mais famosa de Israel, com a qual se inicia o ano judaico, é a Páscoa. Essa celebração, estreitamente ligada à identidade do povo judeu, comemora a sua saída do Egito. Nessa ocasião, Deus envergonhou todos os deuses daquela nação. Quando Moisés e Arão, em sua primeira entrevista com Faraó, lhe disseram: *“Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto” (Êx 5.1)*, ouviram em resposta estas arrogantes palavras: *“Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir a Israel” (v.2).*

Durante 400 anos Israel estivera escravizado no Egito e nunca se ouvira falar de que havia um Senhor. Faraó, lógico, não deu crédito às palavras de Moisés e Arão nem se preocupou com o poder que esse Senhor pudesse ter. Por certo, não representaria qualquer ameaça, daí ter perguntado com desprezo: *“Quem é o Senhor?”*. Mas isso ainda iria mudar consideravelmente: *“(…) serei glorificado por meio do faraó e de todo o seu exército, com seus carros e seus cavaleiros. E os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando*

*me glorificar por meio do faraó(...)*” (Êx 14.17-18). Quando os egípcios estavam se afogando no Mar Vermelho, depois de terem padecido sob as dez pragas, a última pergunta que fariam seria “Quem é o Senhor?”, pois a essa altura não restavam dúvidas.

Esse tema da vitória do Senhor sobre o Egito, juntamente com o da criação do mundo, são recorrentes no livro de Salmos. Porém haverá algo ainda maior do que a saída do Egito, um acontecimento que fará os judeus se esquecerem da Páscoa. Isso é inimaginável, mas é o que vemos em Jeremias 16.14-15: *“Portanto, eis que dias vêm, diz o Senhor, em que nunca mais se dirá: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. Mas: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha lançado; porque eu os farei voltar à sua terra, a qual dei a seus pais”*.

A terra do norte é a Rússia, de onde tem havido um grande êxodo para Israel, segundo o irmão Benjamin Berger. É o cumprimento parcial desta palavra de Jeremias. Quando ela se realizar plenamente, a saída do Egito terá se tornado, em comparação, um acontecimento insignificante. É algo tão definitivo da parte de Deus, que ele repete essa profecia, quase com as mesmas palavras, em Jeremias 23.7-8.

Pensemos por um instante: com qual propósito Deus vai reunir os judeus de todas as nações da terra e trazê-los de volta a Israel, onde eles obedecerão a lei? Não há uma segunda explicação: se a saída do Egito pretendeu que egípcios e judeus soubessem quem era o Senhor, o novo êxodo que libertará o povo de Deus de todas as nações da terra e o trará de volta a Israel fará com que o mundo inteiro saiba quem é o Senhor.

Isso deveria nos encher de expectativa. Se a Páscoa foi algo tão grande que, ainda hoje, muitos séculos depois, continuamos a celebrá-la, o que pensar de um acontecimento de

tal magnitude capaz de ofuscar o brilho da Páscoa? A Páscoa foi uma prefiguração desse grandioso evento que os profetas anunciaram e hoje vemos começando a se cumprir. É algo extraordinário o que está acontecendo.

### **Em breve, Jerusalém se tornará a capital do mundo**

Jesus, o Rei dos reis, voltará para o mesmo monte de onde ele saiu, o Monte das Oliveiras. O monte da casa do Senhor será elevado acima de todos os montes e para ele afluirão os povos, porque a lei do Senhor sairá de Sião (Is 2.2-3). Jesus vai governar a terra a partir de Jerusalém.

Às vezes fico com a impressão de que somente a Igreja é que não sabe disso. O mundo todo sabe, como provam as muitas articulações que estão em curso para propor guerra a Israel. O mesmo acontece com o diabo, que não ignora que estamos na iminência de Jesus descer ao monte das Oliveiras e que *“pouco tempo lhe resta”* (Ap 12.12).

Independentemente do desprezo que muitos devotam a Israel e de duvidarem que Jerusalém se tornará a capital do mundo, isso vai acontecer. O diabo treme porque sabe que o reino de Deus vai sair de Jerusalém para toda a terra, pois Deus já o determinou, e isso é irrevogável. Nem Israel, nem ninguém puderam arbitrar sobre isso e tampouco poderão impedir que aconteça.

O diabo não poupará esforços para, de alguma forma, atrapalhar os planos de Deus. Ele pretende destruir Jerusalém porque é nesta terra que Jesus pousará os pés quando voltar. Ele está furioso nestes tempos do fim (Ap 12.12).

Dias atrás eu recebi um e-mail, por certo colocado em circulação pelos adeptos da “teoria da conspiração”, aqueles



que, possivelmente influenciados pelo texto “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, acreditam que há uma trama dos judeus para dominarem o mundo a partir de Jerusalém. Escritos como esses não têm feito outra coisa senão contribuir para disseminar ainda mais o ódio contra Israel. Nesse e-mail, um grupo antissemita estava responsabilizando os “malditos sionistas” por tudo o que está acontecendo no mundo.

Pensando a respeito, cheguei à conclusão de que os antisemitas estão corretos, exceto sobre os judeus serem malditos e estarem envolvidos em algum tipo de conspiração. A conspiração, nesse caso, vem da parte de Deus.

Os detratores de Israel alertam para uma ameaça mundial a partir do vislumbre de um possível domínio dos judeus. Eu acho isso impressionante porque os judeus vão dominar o mundo mesmo, e a humanidade vai ficar dividida entre quem gosta e quem não gosta. E se até o diabo e seu povo estão começando a dizer as coisas explicitamente, nós precisamos entender que esses eventos estão muito próximos de acontecer. Mas não basta entender; é preciso também assumir uma postura de temor.

Um dia desses estávamos orando para o véu ser retirado dos olhos dos judeus e, enfim, acontecer a plenitude do povo de Israel (Rm 11.12). Todo o nosso período de oração foi dedicado a esse motivo, embora houvesse tantas outras coisas por que orar. Essa experiência me fez compreender que a oração por Israel é do tipo “bumerangue”. Isto é, se orarmos a favor de Israel, tendo em vista que Deus prometeu abençoar os que abençoassem esse povo, não precisaremos orar pelo Brasil nem por país algum. Basta orar por Israel, que a bênção virá sobre nós, porque Deus sabe perfeitamente o que fazer com o Brasil e com o resto do mundo.

Há, no entanto, algo importante a considerar quanto ao relacionamento entre Israel e as nações: trata-se de uma via de mão dupla. Asher Intrater esteve, certa ocasião, orando no Muro das Lamentações e teve uma confirmação profética de que a plenitude dos judeus depende da plenitude dos gentios (Rm 11.25-26). Ele saiu desse momento de oração com um encargo de ir às nações e trabalhar por essa plenitude dos gentios, sem a qual não acontecerá a tão aguardada chegada da plenitude do seu povo.

Os esforços precisam acontecer em dois sentidos: de um lado, os judeus precisam orar para os gentios mostrarem misericórdia e chegarem à plenitude e, de outro, nós precisamos orar para que Deus retire o véu que os judeus trazem em sua mente, e para que as gotas de que o irmão Benjamin Berger falou, referindo-se aos milagres que estão começando a acontecer em Israel, transformem-se numa chuva torrencial que, conseqüentemente, traga bênçãos para todas as nações.

# O DOM DE ARREPENDIMENTO E A RESTAURAÇÃO DA IGREJA

por Irmã Ádola e Irmã Nechama

## Irmã Ádola

Assim diz o Senhor dos Exércitos: Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco. (Zc 8.23)

A vida de Benjamin Berger já é uma parte do cumprimento deste texto de Zacarias. Ele é um judeu que ama o seu Deus, que renunciou a tudo e se consagrou para ser canal de bênçãos a todas as nações, tal como aponta a vocação profética de Israel.

### **A nossa resposta ao que Deus nos confiou**

Não podemos completar o trabalho de Jesus de restaurar a Igreja e de levá-la à unidade sem voltar às raízes e curar a primeira divisão, aquela que separou judeus e gentios. E para que isso seja possível, é preciso, antes, entender o que aconteceu. Daí a importância de leituras complementares, como *O*

*Mistério da Oliveira*, de Johannes Fichtenbauer (Impacto Publicações) e *Onde Está o Rei dos Judeus* (Irmandade Evangélica de Maria), entre outras.

Há uma percepção ampla, hoje, de que a Igreja continua seguindo por um caminho errado, que, em vez de levar para o alvo, produz mais e mais inimizades. Podemos sentir o lamento de Deus sobre a casa dividida. O corpo de Jesus está dividido, e, em geral, nós nos mantemos ou numa posição egoísta, ou envolvidos com as questões disseminadas pela teologia da prosperidade. Somos conhecidos, aqui no Brasil, por negociar com Deus e rejeitar o sofrimento, tudo em nome do direito à felicidade e de um modo individualista de conduzir a própria vida.

Diferentemente dessa motivação, devemos deixar Jesus ser o Rei das nossas vidas. Não há ninguém como ele que saiba fazer isso tão bem. Precisamos ter a imagem de Deus restaurada em nós e aprender novamente quem é ele, o Soberano, e, assim, redescobrir como é maravilhoso viver cem por cento sob o seu senhorio.

Foi muito significativo o ato de Benjamin, em sua experiência de conversão, de lançar nas águas o anel que simbolizava toda a sua vida passada e dizer a Jesus que, daquele momento em diante, queria viver totalmente para ele. Nós precisamos fazer o mesmo e parar de oscilar entre dois mundos, atraídos, principalmente, pelas ofertas de sucesso e segurança que um deles constantemente nos faz. Temos uma inclinação a procurar segurança em muitas coisas terrenas. Confiamos no seguro do carro, no seguro da casa, no seguro de saúde, tudo para garantir que tenhamos uma vida de conforto e prosperidade. Não é errado contratar planos de seguro. Só não podemos pretender que essas coisas fundamentem a nossa vida.

Temos que voltar às raízes e reconhecer que Jesus é o Senhor, o Rei de Israel e das nações, e colocar nele toda a nossa confiança. Precisamos permitir que Deus restaure o seu altar em nós, o altar do nosso relacionamento com ele, para que não venhamos a ouvir, como a igreja de Éfeso (Ap 2.1-7), que deixamos a chama do primeiro amor se apagar. Juntamente com isso, precisamos restaurar o altar da leitura bíblica.

### **Irmã Nechama**

Estando no final dos finais dos tempos, pesa sobre nós uma enorme responsabilidade: contribuir, de alguma forma, com a restauração da noiva de Cristo. Sim, o desafio é grande, e nossas vidas, tão pequenas, mas penso que podemos fazer a diferença se, no nosso caminho, tivermos uma “bússola”.

Refiro-me à conclusão a que os apóstolos em Jerusalém chegaram depois que Pedro lhes contou sobre sua ida à casa de Cornélio, em Cesareia, e como os gentios haviam recebido a palavra de Deus: *“Ouvindo isso, não apresentaram mais objeções e louvaram a Deus, dizendo: Então, Deus concedeu arrependimento para a vida até mesmo aos gentios!”* (At 11.18). Arrependimento: esta foi a “bússola” para os cristãos primitivos, e deve ser também a nossa.

### **A nossa maior necessidade**

O derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes veio como um poder atômico sobre os discípulos e transformou radicalmente suas vidas. Antes disso, eles não passavam de pessoas vacilantes em sua fé, medrosas e cheias de falhas de caráter. Pedro negou a Jesus, Tomé não acreditava nele. Todos os discípulos abandonaram o Mestre na hora mais difícil. Na noite da última ceia, em que Jesus anunciava a Nova Aliança que seria inaugurada com o oferecimento de seu corpo e

sangue, ele surpreende os discípulos envolvidos numa discussão para decidir quem dentre eles era o maior. Como poderiam pensar em algo assim, relacionado a poder e controle, a ter o primeiro lugar, justamente no momento em que Jesus estava falando sobre dar a vida?

Muitos de nós, em lugar de Jesus, teríamos pedido ao Pai para substituir aqueles discípulos por outros que fossem melhores que eles. Como era possível alguém passar três anos com Jesus e, ainda assim, se comportar de uma forma tão mesquinha? Eles pareciam não ter entendido uma palavra sequer sobre o reino de Deus. Jesus não apenas foi claro ao dizer: *“Eu estou entre vocês como quem serve”* (Lc 22.27), como deu inúmeras demonstrações de serviço aos discípulos. E, no entanto, nós os vemos sempre reagindo de forma egoísta, seja quando pedem para Jesus despedir uma multidão, seja quando querem se ver livre de uma mulher sírio-fenícia que vai atrás deles aos gritos, seja quando querem repelir as crianças que tentam se aproximar de Jesus. Estes são os discípulos.

Mas nós não somos melhores que eles. Nem mesmo alguém que entrou profundamente na santidade de Jesus pode ter o sentimento de que tudo já se resolveu e de que não vai mais cometer nenhum deslize. Recentemente, recebi uma carta de uma Irmã que sempre esteve ao lado de Madre Basilea Schlink, fundadora de nossa Irmandade, e a acompanhava em muitas de suas viagens. Esteve com Madre Basilea no monte Sinai, na Ilha de Patmos e até mesmo em sua clausura no monte das Oliveiras. E apesar de tão grandes experiências, essa Irmã, como ela mesma me disse na carta, ainda hoje se sente uma miserável pecadora, não conseguindo compreender como Deus a pode usar.

Certa vez estive com essa Irmã e lhe pedi o mesmo que ela havia recebido diretamente pela imposição de mãos

de Madre Basilea: o dom de arrependimento. Irmã Benedicta, então, orou comigo, e eu recebi esse tesouro de valor incalculável. Todos os demais dons – de curar, expulsar demônios e fazer milagres no nome de Jesus, entre outros – sem arrependimento podem se tornar algo perigoso, pois costumam provocar orgulho e uma falsa ilusão de poder em seus possuidores. É o que vemos, por exemplo, na igreja de Corinto. Segundo Paulo, não faltava a ela nenhum dom (1 Co 1.7), porém isso não a tornava perfeita. Pelo contrário, apesar dos dons, estava cheia de imoralidade, problemas e controvérsias.

Embora reconhecessem que o Espírito Santo tinha vindo sobre os gentios, os apóstolos somente se convenceram a integrá-los à Igreja depois de terem observado que o dom de arrependimento também lhes fora concedido. A característica mais marcante das pessoas que estão envolvidas no maior acontecimento de nossos dias, a preparação da noiva para a volta de Jesus, é o dom de arrependimento. Com a igreja de Laodiceia, uma figura da igreja contemporânea, Jesus foi enfático: *“Seja diligente e arrependa-se”* (Ap 3.19). Precisamos ter essa mesma diligência, ler tudo o que pudermos sobre arrependimento e pedir que Deus nos dê esse dom.

João Batista estava batizando numa das margens do Jordão, e os moradores dos arredores e também de Jerusalém e de toda a Judeia foram até ele. Curioso é que no templo havia muitos sacerdotes ministrando, para quem as pessoas poderiam se dirigir, mas elas se deslocavam até o rio Jordão à procura de João, desejosas de saber o que deveriam fazer. E, como nos mostram os evangelhos, João tinha resposta para todos os que o procuravam. Ele não hesitava em exortar as pessoas ao arrependimento, pois sabia como esse dom funciona como uma “bússola” em nossas vidas.

Vemos hoje uma igreja desorientada, não sabendo como proceder, sem respostas para muitas questões que têm desafiado a fé cristã. Estamos no meio de uma grande confusão e precisamos, como João, indicar o caminho, e fazer isso com transparência e verdade.

### **A importância de buscar a verdade**

Fiquei muito surpresa ao chegar ao Brasil [há muitos anos] e observar como as pessoas aqui usam máscaras. Ninguém se aceita como, de fato, é. No jardim de oração de nossa comunidade, temos o poço de Jacó, que é um lugar para cura interior, inspirado no encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4).

Eu já fui a muitas igrejas e ouvi as coisas mais estranhas sobre cura interior. Certa vez, numa dessas visitas, uma irmã dirigia um momento de oração e dizia algo como: “Agora imagine que você está num bosque. A brisa está tocando o topo das árvores, e os pássaros estão cantando”. Fiquei pensando no significado daquilo. A ideia era sugerir aos presentes um sentimento prazeroso de alívio dos seus fardos, o que nunca iria lhes trazer a verdadeira cura interior.

Não podemos compactuar com isso. Cura interior só tem início quando alguém encontra a verdade sobre si e a aceita. É o que vemos acontecendo na vida da samaritana (Jo 4). Jesus tem diante de si uma mulher que já tivera cinco maridos e, à ocasião, vivia um novo relacionamento. Muito provavelmente tratava-se de uma pessoa com sérios problemas interiores, com dificuldades enormes para amar e receber amor.

Podemos supor uma história de abandonos e abusos a envolvendo. Mas quaisquer que tenham sido os detalhes, isso não foi importante para Jesus. O que ele queria que todos soubessem sobre essa mulher é que ela pôde conhecer e aceitar



a verdade sobre si mesma. Quando foi aos moradores de sua aldeia e os convidou a ir até Jesus, ela ainda estava sob o impacto daquele encontro libertador de cura interior diante do poço de Jacó: *“Venham ver um homem que me disse tudo o que tenho feito”* (Jo 4.29). A máscara foi retirada, e ela conseguiu ver a si mesma.

O poço ilustra como a alma humana é profunda e, às vezes, esconde coisas que estão roubando a alegria e a abundância da nossa vida sem que nós percebamos. Jesus, embora prestes a ser crucificado, fala pelo menos cinco vezes sobre alegria nos últimos momentos que passou com os discípulos (Jo 15-17). Logo depois, no Getsêmani, ele os encontra *“dormindo de tristeza”* (Lc 22.45).

Jesus demonstrou um desejo sincero de que os discípulos vivessem experimentando a plenitude da sua alegria, e não se arrastassem pela vida carregando fardos pesados. Mas isso não se consegue sem a aceitação da verdade. A noiva de Cristo precisa buscar de todo o coração a verdade, do contrário não será levada ao arrependimento.

### **A centralidade da cruz e dos sofrimentos de Cristo na experiência do arrependimento**

Efésios 2.15-16 ensina que a inimizade entre judeus e gentios só pôde ser destruída por meio da cruz. É curioso como a cruz produz incômodo nas pessoas, a ponto de elas substituírem esse símbolo central da fé cristã por outros que não causem ofensa nem escândalo, como é o caso do menino Jesus, uma imagem com que todos simpatizam. A cruz é vista como um estraga-prazeres e acaba sendo deixada de lado.

Pelo mesmo motivo que evitam falar sobre a cruz, as pessoas ficam com receio de falar em pecado e de que Jesus precisou morrer pelos nossos pecados. Ora, João Batista

morreu porque confrontou Herodes, reprovando sua atitude de viver com a mulher do irmão. Ele denunciou o pecado e falou da necessidade de arrependimento. Precisamos desse mesmo espírito que estava em João Batista. E mais: temos que ser a noiva apaixonada por Jesus e seu sofrimento, aquela que lava as suas vestes e as alveja no sangue do Cordeiro (Ap 7.14).

Deus me chamou para mostrar esse Cordeiro que foi crucificado. Em nossa comunidade, temos um jardim dos sofrimentos de Jesus, com vários monumentos lembrando o Getsêmani, criações de nossas irmãs artistas da Alemanha. Esse caminho de oração, uma espécie de via-sacra, como diriam os católicos, já existe há trinta anos, mas só recentemente temos recebido grupos enviados por Deus de todos os lugares, desejosos de receber ministrações sobre os sofrimentos de Jesus. É justamente nas chagas de Jesus que temos a cura para nossas emoções. Precisamos, portanto, desenvolver um amor profundo por aquilo que Jesus fez por nós, pelos sofrimentos que ele suportou por nossa causa.

O irmão Benjamin também é artista. Ele fez uma pintura com o tema do sofrimento de Jesus. No meio das palavras de Isaías 53, que reproduziu em hebraico numa tela, vemos Jesus crucificado, derramando o seu sangue. É uma imagem muito impactante, que me chama a atenção para algo que eu sinto que vai acontecer neste final dos tempos: um movimento de arrependimento como o mundo nunca viu.

Ouvi de Benjamin Berger que a dor e a agonia de um sobrevivente do Holocausto aumentam com a idade. Essas pessoas não conseguem esquecer os sofrimentos que experimentaram no campo de concentração. Eu mesma às vezes me hospedei em São Paulo num apartamento de uma sobrevivente de Auschwitz. Essa senhora me confidenciou que hoje os

seus pesadelos são piores. As imagens do passado retornam à sua mente e a torturam, impedindo-a de dormir. Isso me faz pensar: será que o sofrimento de Jesus também aumenta dia a dia por ele ser crucificado novamente muitas vezes?

Recentemente, Irmã Ádola e eu estivemos numa sinagoga, sentadas à mesa com judeus, e estes mencionaram Isaías 53, que eles consideram o livro proibido por não terem permissão para lê-lo. Mas, de acordo com Zacarias 12.10-14, no fim dos tempos Deus vai tirar o véu dos olhos do seu povo, e eles verão o Filho. O Pai dará um basta, e os judeus não poderão mais virar o rosto para não ver o Filho (Is 53.3). Lerão Isaías 53 e chorarão. Haverá um grande arrependimento porque, enfim, terão olhos para ver aquele a quem traspassaram. Não poderão mais evitar olhar para aquele que teve de ser crucificado por causa de seu orgulho, ciúme, rebeldia, desobediência.

De volta à nossa vida cotidiana, precisaremos nos dedicar a descobrir Jesus no seu sofrimento. Muitos, lamentavelmente, têm feito o contrário, procurando esquecer essa realidade. Temos que tornar Jesus vivo nos lugares onde ele nos colocou. E, como João Batista, oferecer a solução aos que nos procuram: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”* (Jo 1.29).

O livreto *O Caminho Mais Certo Para a Felicidade*, de Madre Basilea Schlink, pode nos ajudar muito nesse caminho da busca por arrependimento. Eu tenho uma predileção por esse livro e sinto não termos incluído com destaque a palavra “arrependimento” no título. Nele, Madre Basilea fala sobre aquilo que impede este dom. Mas não nos iludamos: arrependimento é um dom de Deus, que nós não podemos produzir. Atos dos apóstolos é bem claro quando diz que Jesus veio para conceder arrependimento ao seu povo (At 5.31).

## Uma experiência pessoal de arrependimento

Eu orei durante um ano por arrependimento pela minha falta de amor. Embora já fosse uma Irmã consagrada, precisava de restauração em minha vida pessoal porque não conseguia amar uma pessoa da minha família. Só que eu sabia que não poderia produzir esse amor por mim mesma. Quando li neste livreto Madre Basilea referindo-se a Elias, que viria e restauraria todas as coisas, senti Jesus falando comigo que o arrependimento tem o poder de restaurar todas as coisas.

Decidi, então, que estudaria sobre o assunto e pedi a Jesus que fizesse aquilo que não estava em meu poder: restaurar o meu amor. Foi uma busca em oração que levou um ano, durante o qual Deus me levou a uma identificação com os seus sofrimentos e foi me direcionando para um encontro real com Jesus crucificado. E funciona: Jesus me concedeu o arrependimento.

## O lugar do arrependimento nos ensinamentos de Jesus

O início do ministério de Jesus nos dá uma ideia da importância do arrependimento. Em seus primeiros trinta anos nesta terra, não o vemos trazendo nenhum ensinamento. Ele era a solução de todos os problemas que via em Nazaré, trazia consigo todas as respostas aos dilemas humanos e, no entanto, não disse nada.

Imagino o coração de Jesus quase explodindo de desejo de falar, mas ele aguardava o momento certo de fazê-lo. Quando, enfim, se pronunciou, após ter passado trinta anos apenas observando a humanidade, quais foram suas primeiras palavras públicas? *"Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo"* (Mt 4.17). Ter começado pelo arrependimento foi uma maneira de Jesus nos mostrar o quanto é importante ter essa experiência de restauração em nossas vidas.

De uma ponta a outra de seu ministério, a mensagem do arrependimento está presente. Se eram importantes as suas primeiras palavras, igualmente importantes seriam as últimas. Instantes antes de ser elevado para o céu, ele dá instruções finais aos discípulos e volta a falar sobre o assunto: *"Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém"* (Lc 24.46-47).

Já glorificado, dirige-se a cinco das sete igrejas e exorta-as a que se arrependam (Ap 2-3). Eu penso que se ele pudesse permanecer por aqui, esta seria a mensagem que ainda hoje gostaria que fosse espalhada pelo mundo inteiro: "Arrependam-se". E para quem acha que não tem do que se arrepender, permita-me ler os pecados que Madre Basilea menciona no índice de seu livro *O Caminho Mais Certo Para a Felicidade*: ansiedade, amor ao poder, ciúme, cobiça, contenda, discórdia, covardia, crítica, curiosidade, desconfiança, desobediência, egoísmo, mentira.

É preciso lembrar que o público-alvo inicial desse livro eram as Irmãs. Somente mais tarde chegou também ao grande público. Costumamos dizer que nesses escritos temos uma farmácia, pois Madre Basilea apresenta soluções de enfrentamento desses pecados que são manchas nas roupas da noiva.

## **Irmã Ádola**

Gostaria de concluir retomando a resposta de Benjamin à pergunta "O que os judeus messiânicos esperam da Igreja?". De uma maneira resumida, sua resposta foi: oração e arrependimento. Creio que estes são os objetivos principais de todas as mensagens neste livro.

## **Oração e arrependimento: as ênfases da Igreja nestes últimos dias**

Nós precisamos realmente levar a oração a sério. Devemos orar não somente pela conversão dos judeus, para que eles possam reconhecer o Messias, mas também pela Igreja, para a restauração do templo e do altar de Deus, pois a casa de Deus está dividida.

Quanto ao segundo aspecto, Deus segue esperando o arrependimento da Igreja pelos muitos males causados a Israel nesta longa história do cristianismo. Johannes Fichtenbauer falou bastante a respeito quando esteve no Brasil, em setembro de 2015 (ver o livreto *O Mistério da Oliveira: Judeus e Gentios Juntos Para a Volta de Cristo*). São dois mil anos de pecados contra o povo escolhido de Deus.

Podemos relembrar a explicação de Harold Walker, em sua mensagem, para o problema do antissemitismo: o ódio contra os judeus nada mais é que ódio contra a escolha de Deus. A oposição externa, vinda dos que não conhecem a Deus, é até compreensível. O problema é quando esse posicionamento contrário à escolha soberana de Deus quanto a Israel ser canal de bênçãos vem da Igreja de Jesus Cristo.

Temos pecado grandemente contra a menina dos olhos de Deus e ferido o coração dele. Precisamos nos arrepender. Durante séculos, aceitamos os judeus no rebanho de Cristo sob a condição de renunciarem às suas tradições, às vezes até mesmo por escrito. Com isso, tendo abraçado a teologia da substituição, acabamos muitas vezes destituindo-os daquilo que Deus lhes deu como herança.

Esse pensamento é bastante vivo ainda hoje. Certa vez estive numa boa e numerosa igreja, cheia de vida, e, no

entanto, num momento de intercessão por Israel, as pessoas passaram a dizer: “Nós somos o novo Israel, nós somos o novo Israel”. Há muita gente que pensa da mesma forma. Temos, portanto, muito de que nos arrepender.

Precisamos entender que a Igreja é incompleta sem os judeus. Aliás, nós, gentios, somos privilegiados de termos sido enxertados na oliveira original. Depois de tudo o que foi exposto nos capítulos anteriores, podemos reconhecer aquilo que nos falta e aquilo que falta aos judeus, algo que só será completo para ambas as partes quando estivermos juntos. Eles precisam de nós, e nós precisamos deles.

Dias atrás, tive mais uma confirmação de o quanto a ideia da substituição é bem presente na cristandade, quando ouvi alguém dizendo que Jesus, originalmente um judeu, havia se tornado um cristão. Na mesma direção, outra pessoa afirmou que Jesus tinha nascido para começar o cristianismo. É preciso combater com ensino consistente essa falta de conhecimento que circula nas igrejas. Temos que fazer a nossa parte para mudar o quadro que aí está e dar às pessoas a oportunidade de se arrependerem.

Mais uma vez: o arrependimento não pode ser produzido, pois é um dom de Deus. É preciso acrescentar que arrependimento é algo muito mais profundo que um sentimento. Digo isso porque os brasileiros são, em geral, movidos pela emoção e correm o risco de achar que devem se arrepender somente quando estiverem sentindo algo a respeito. Arrependimento vai além de um sentimento. Trata-se de uma convicção interna que Deus implanta em nosso coração.

Deus está nos revelando, nestes últimos dias, a necessidade que temos de arrependimento. Por isso, precisamos orar a respeito. E quando essa convicção crescer e amadurecer entre

nós, talvez possamos organizar um ato público, um momento coletivo para expressar esse arrependimento.

No ano 2000, tivemos algo desse teor na primeira sinagoga das Américas, em Recife PE. Poucos sabem sobre a história da construção dessa primeira sinagoga. O Brasil tem uma história muito profunda envolvendo os judeus, que precisamos conhecer. Pois bem, organizamos esse ato de perdão e fomos, como cristãos, demonstrar o nosso arrependimento pelos erros que a Igreja cometeu contra os judeus ao longo da história cristã.

Foi um pequeno ato simbólico, dirigido aos membros da comunidade judaica ali presentes. Procuramos ser breves e diretos, dizendo pontualmente as coisas pelas quais estávamos arrependidos. No final, uma alegria foi derramada sobre nós, que representávamos várias denominações cristãs, e também sobre a comunidade judaica não messiânica. Este é o sinal quando há arrependimento verdadeiro: gera em nós alegria.

Fizemos o mesmo ato em Curitiba PR, também em 2000, e esse evento abriu as portas para a comunidade judaica como eu nunca teria imaginado. Até hoje, somos considerados membros da sinagoga em razão da gratidão desse povo pelo que fizemos. A gratidão é uma característica do povo judeu. Eles foram ensinados a ser gratos e não esquecem o bem que recebem.

Devemos, então, procurar o povo judeu, e também os judeus messiânicos, e apoiá-los. São coisas que podemos fazer, estão dentro das nossas possibilidades. Tornemos conhecida a história que provocou a separação atual. E, principalmente, vamos nos arrepender e orar pelo arrependimento deles, para que possam ser recebidos de volta, e todos nós bebamos de uma igreja restaurada, saudável, pronta para a volta de Jesus. Jesus está esperando.





**SOBRE O MESMO ASSUNTO,  
NÃO DEIXE DE LER TAMBÉM:**



# O MISTÉRIO DA OLIVEIRA

— Judeus e gentios juntos para a volta de Cristo —



**JOHANNES FICHTENBAUER** é arqui-diácono católico (um cargo leigo com responsabilidades especiais na diocese) na cidade de Viena, na Áustria, e trabalha com o cardeal Christoph Schönborn. É líder europeu do movimento “Rumo ao Segundo Concílio de Jerusalém”, uma iniciativa

de arrependimento e reconciliação entre os segmentos judaico e gentílico da Igreja. Neto de um nazista e por muito tempo convicto em seu sentimento antissemita, hoje dedica seu tempo e empenho à reconciliação com os judeus messiânicos e à unidade no Corpo de Cristo.

## **PEDIDOS**

**IMPACTO PUBLICAÇÕES**

[www.revistaimpacto.com.br](http://www.revistaimpacto.com.br)

(19) 3462-9893

[contato@revistaimpacto.com.br](mailto:contato@revistaimpacto.com.br)

## QUER SABER MAIS SOBRE A UNIDADE DO CORPO DE CRISTO?

# 1

*A unidade dos cristão é essencial  
antes da volta de Cristo*

um só Corpo  
**um só Espírito**  
um só Senhor

Se Cristo recebe uma pessoa, ela passa a ter o Espírito Santo. Ela também passa a ser um irmão em Cristo. As diferenças que poderiam nos separar são infinitamente pequenas perto da grandeza de termos o mesmo Senhor, um só Senhor. O Espírito que está em mim é o mesmo que está no outro irmão. *"Acaso Cristo está dividido?"* (1 Co 1.13). Assim formamos um só Corpo, habitado por um só Espírito, sujeito a um só Senhor. Paulo nos ensina:

*Rogo-vos irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.*

1 Coríntios 1:10

### PEDIDOS

IMPACTO PUBLICAÇÕES  
[www.revistaimpacto.com.br](http://www.revistaimpacto.com.br)  
(19) 3462-9893  
(contato@revistaimpacto.com.br)

